

Para que serve o exército português?

Há números que, na sua rígida expressão, valem mais do que todas as palavras. Dizer-se que a administração do Estado capitalista é incompetente é proclamar uma verdade incontestável, ler-se na eloquência dos números de um orçamento essa incompetência é provar essa verdade. Inúmeras vezes aqui temos afirmado que os governantes burgueses têm pela instrução pública o máximo desprezo, pela cultura do povo a mais afrontosa das indiferenças. Mas não basta afirmá-lo, é preciso demonstrá-lo com números — e é fácil.

Um golpe de vista sobre a proposta orçamental para 1925-26 que temos em nosso poder é o bastante para se avaliar o critério que preside à distribuição dos dinheiros públicos. Por ela verifica-se que em Portugal os governantes atribuem mais importância à manutenção de um exército perfeitamente inútil, caricato, incapaz mesmo de defender eficazmente este minúsculo país de fronteiras abertas a todas as invasões do que à instrução popular. A existência do exército não se justifica. Admitamos por momentos o critério das patrióticas divisões de povos. Mesmo que o exército fosse uma perfeita organização militar, aguerrida, servida por fortificações modernas e por meios de comunicação rápidos e abundantes, a escassez da população portuguesa e insignificante extensão do território nunca permitiriam uma defesa triunfante dos ataques de qualquer grande país da Europa que quizesse submeter-nos ao seu jugo. Para que serve pois o exército? Nem mesmo para os patriotas dogmáticos ele pode ser uma garantia da independência nacional. O exército português, bem apetrechado e preparado que estivesse, satisfazendo como organização militar os ideais reaccionários da parte mais conservadora do país, seria sempre um brinquedo nas mãos da França, da Inglaterra, da Itália e até mesmo da Espanha se a estas lhes apetece-se roubar-nos a independência.

Em Portugal anda-se, portanto, a fingir que se possui um exército que nos faz respeitar os direitos de nação independente. Os nossos chauvinistas não repararam ainda que a despeito da nossa época se caracterizar pelo arbítrio, pelo abuso do poder, pela desenfreada rapina, pelo atentado aos direitos dos povos, as pequenas nações como esta não vivem independentes nem são respeitadas pela força insignificante dos seus canhões — vivem por direito adquirido, por consentimento dos grandes países, por conveniências ou rivalidade das demais nações.

O exército português é, portanto, uma inútil ficção. Um caro divertimento que absorve a maior parte das receitas do Estado.

Não o estamos encarando sob o ponto de vista moral e social — limitamo-nos hoje a apreciá-lo sob o ponto de vista económico.

A inutilidade, a caricatura, a brincadeira que se chama exército português custa ao país, ao povo que trabalha e mal ganha para morrer de fome, ao povo que não tem hospitais devidamente apetrechados, ao povo que não tem escolas, ao povo que não tem estradas, nem água, nem iluminação decente, nem asfeto bem montados, nem caminhos de ferro a valer, nem aviação civil e comercial, nem carreiras de navegação abundantes, nem a terra cultivada, nem indústrias modernas — a brincadeira que se chama o exército português custa presentemente 279.802.407\$00. E enquanto este luxo nos custa toda esta bonita soma de milhares de contos, a instrução custa apenas 132.189.224\$00 — isto é, menos de metade da quantia dispendida com a vistosa e reluzente ficção do exército.

A simples comparação destes números expressivos e eloquentes substitui com vantagens inegáveis todas as palavras justamente indignadas que nós empregásemos agora para escarpelizar a tacañeira mental de ministros, deputados, senadores, dos políticos, enfim, que tanto desprezo mostram pela instrução do povo e tanta importância dão a uma instituição perfeitamente dispensável.

Ler a revista gráfica RENOVACAO

A fuga dos três deportados

A polícia deteve ontem, arbitrariamente, os passageiros e o encarregado da 3.ª classe do vapor "Africa"

Os deportados João Ferreira, Mário Fontainhas e José Soares que tentaram evadir-se, conforme informámos anteontem, foram detidos na Madeira. Os evadidos vão seguir, novamente, para a África, visto que não conseguiram, por suas próprias mãos, anular a situação desumana e ilegal em que se encontravam nesse arquipélago trágico, nesse arquipélago da fome que é Cabo Verde.

Como os três deportados que se evadiram viessem até à Madeira no "Africa", este vapor que ontem chegou a Lisboa, recebeu fora da barra a visita dos espiões e formidáveis Javerts do governo civil. A presença daqueles homens a bordo foi tristemente assinalada por uma série de violências e vexames praticados contra passageiros e contra um tripulante daquele barco.

Os deportados viajaram, até serem detidos, em 3.ª classe, naturalmente porque o dinheiro não lhes chegava para irem em 2.ª. A polícia entendeu logo, com aquela rapidez de pensamento que lhe é peculiar que todos os passageiros de 3.ª deviam ser considerados como deportados que viajassem com nomes supostos e com aquela desenvoltura sinistra que possui, prendeu-os a todos.

Entre os passageiros detidos contam-se Severino Souto que traz o seu passaporte devidamente autenticado, para embarcar para a América do Norte, onde vai em busca de trabalho; António da Silva Cabral, fabricante de calçado, que vem com passagens pagas pelo Estado e Adelino Borges que regressa à metrópole, por conselho médico.

Interrogado sobre estas prisões um dos passageiros fez a um jornal da noite esta declaração sucinta que amplamente define a facilidade com que a polícia priva qualquer pessoa da liberdade:

«Não sei porque fomos detidos. A polícia olhou para mim e para estes meus companheiros de viagem e deu-nos ordem de prisão».

Como se vê, o caso foi extremamente simples. A polícia não esteve com o mínimo embaraço. Não lhes perguntou os nomes, não lhes examinou os passaportes. Um simples olhar bastou — para os atirar para dentro dum mundo e inabitável calabouço do governo civil.

Segundo declarou esse passageiro a polícia, na Madeira, passou a busca ao navio e não encontrou nenhum passageiro que tivesse o nome dos três deportados. Esse facto deu-se porque os três fugitivos vinham com nomes supostos e traziam os seus papeis em ordem. Devido a isso a polícia ordenou a prisão de dois passageiros.

Isto só prova que a estupidez da polícia da Madeira corre parrelhas com a de Lisboa.

Também foi preso o encarregado da 3.ª classe do "Africa" que declarou não lhe caber nenhuma culpa em trazer os deportados a bordo, visto que se tratava de passageiros que traziam os seus documentos em ordem. A tripulação do navio quiz abandoná-lo, vindo toda para terra em sinal de protesto pela prisão do encarregado da 3.ª classe.

Resta agora saber se são exercidas cobardes represálias sobre os três deportados que, ao tentar evadir-se, outra coisa não faziam senão acabar com uma situação ilegal, excepcionalmente odiosa em que os tinham colocado. Veremos se novas crueldades não virão a tomar mais odiosa a mais criminal das medidas de excepção até hoje tomadas. Desde já avisamos os seus inspiradores e os seus executores que desassombradamente verberamos qualquer crime que, por mesquinha vingança, venha a ser praticado.

Por ordem superior foram «hospitalizados» numa esquadra dois presos atacados de sarna!

Por se terem manifestado alguns casos de sarna, o Comissário da Polícia de Segurança Pública ordenou que fossem retirados dos calabouços 67 do governo civil os presos sociais que ali se encontravam e que naquele calabouço se fizesse uma rigorosa desinfecção. Acharmos bem, mesmo muito bem.

Já que não houve o bom senso de evitar o arbitrio que representa a larga detenção daqueles operários, haja, pelo menos, o bom senso de evitar que todos os presos sejam atacados de sarna. Se nos agrada esta determinação outro tanto não sucede com as medidas das autoridades em relação aos presos sarnosos.

Quando tudo indicava que aqueles presos fossem hospitalizados, a polícia hospitalizou na esquadra da Mouraria, que de lareira a estabelecimento de sarnosos tem servido, Celso Pinto Marques dos Santos e José Pedro Franco, que são os indivíduos atacados de sarna.

Porque procedeu assim a polícia? Explicou-nos ontem o seu órgão O Século. Os presos eram perigosos e pretendiam evadir-se. Logo recolheram à esquadra da Mouraria e dali iriam todos os dias ao hospital de S. José receber o tratamento anti-sarnoso.

Esta medida tem tanto de imbecil como de desumana. Não lembraria à polícia dos outros países. Com receio de que um preso se evada, a polícia deixa de hospitalizar um sarnoso que contagiará todas as pessoas com quem vive! E ainda não satisfeita com essa genial determinação, estabelece para os detidos o regime de fome que nos é revelado na carta que a seguir reproduzimos:

Camarada redactor — O que vamos nar-

Novas divisões "unitárias" em diversos partidos comunistas

Segundo uma tese publicada na Humanité, de 19 de Setembro último, «sobre a situação política», parece que estamos em vésperas de novas divisões em vários partidos comunistas europeus.

E' tal a preocupação «unitária» destes organismos, que tudo leva a crer que em breve muitos deles estarão de facto «reduzidos à unidade».

Assim na referida tese escreve-se o seguinte:

«A análise dos factos prova também que o nosso partido lançou os «mots d'ordre» correspondentes à situação política e económica, que foram compreendidos pelas massas operárias, e que as críticas sistemáticas formuladas pela fracção da direita são injustificadas. Esta fracção da direita que se recusou a condenar como anti-comunista e contra-revolucionário o «núcleo» da «Revolução Proletária», revelou-se mais uma vez perfeitamente social-democrata, tanto na tática da frente única que ela nos propunha realizar com os chefes sociais-democratas para lutar contra a guerra de Marrocos, como na sua crítica dos nossos «mots d'ordre» de fraternização e de evacuação de Marrocos, que ela classificava de «inopertunos»!

Se a sua tarefa anti-comunista não obteve grandes resultados no seio do partido, ao contrário, a sua actividade convergente com a do «núcleo» da «Revolução Proletária», prosseguida no seio dos sindicatos, lançou ali a confusão.

Se a bolchevização do partido deve prosseguir por meio dum luta ideológica na base contra os desvios da extrema direita e extrema esquerda, a actividade fracção e anti-comunista da direita conjugada com a do «núcleo» Monatte-Rosmer-Suvarine, deve ser denunciada perante todo o partido que deve tomar medidas para o fazer cessar, porque ela é prejudicial ao seu desenvolvimento e à influência que deve ganhar no seio das massas operárias e camponesas.

Enfim, prosseguindo a sua própria bolchevização o partido continuará ao lado da Internacional Comunista a combater os desvios da direita e da extrema esquerda que se originaram nos partidos irmãos da Alemanha, Polónia e Itália, e isto com o fim de formar em todos os países partidos poderosos tendo a confiança, e apoiando-se sobre as massas operárias e camponesas».

Projecto de tese sobre o trabalho dos comunistas nos sindicatos Como eles respeitam a autonomia sindical

Dum projecto de tese publicado na Humanité sobre o trabalho dos comunistas nos sindicatos, vamos traduzir o capítulo 6.º, que nos dá uma elucidativa informação sobre o papel e o trabalho das fracções sindicais:

«Capítulo VI — A composição social do movimento sindical exige um funcionamento baseado no centralismo democrático. Todas as questões submetidas às discussões dos Congressos, todos os «mots d'ordre» de agitação e de acção devem ser estudados primeiro no conselho sindical e discutidos nas assembleias gerais dos sindicatos.

Deixar os sindicatos determinar a sua atitude fora de toda a influência do Partido Comunista e pedir em seguida aos delegados sindicais, membros do partido de aplicar os seus «mots d'ordre», conduz a

rar é bem demonstrativo do que nos queremos fazer.

Passados para a esquadra da Mouraria por necessitarmos de tratamento e esta ficar mais perto do hospital de São José, surge-nos agora o seguinte:

Pedimos, por não termos dinheiro, para nos ser dada comida e a resposta que obtivemos, é que só nos seria fornecido 4950, para alimentação.

Compreende, perfeitamente, o que poderíamos comer com essa importância, mandando vir da taberna, bastando que lhe digamos que no governo civil os moços levam 550 centavos por qualquer reçoço que não vá além da rua do Cavalo.

Em face disso resolvemos não aceitar nada ficando aqui à mercê do que a nossa existência possa resistir por nos ser preferível morrer em 8 dias, passando fome, a morreremos num sofrimento constante, em meses. Garantimos que nos não seja fornecida alimentação suficiente ou nos enviem a tribunal. Estamos nesta situação desde 18, às 20 horas. — Os presos acusados de «legionários» Celso Pinto Marques dos Santos e José Pedro Franco.

Além de privados do tratamento conveniente, os presos sindicais foram igualmente privados dum alimentação compatível com a sua condição de presos preventivos. Nenhum tribunal ainda condenou os encarcerados na esquadra da Mouraria a um regime de fome.

Todavia a polícia que deve possuir mais sarna na alma do que aqueles detidos na epiderme, omnipotente, senhora absoluta, ordena que os detidos morram de fome e ninguém lhes vai à mão!

Foram transferidos para a esquadra das Mónicas os presos que se encontravam no Governo Civil José Maria da Cruz, Luís José de Abreu, Jaurés Américo Viegas e Augusto Vitor.

Joaquim Luís Carraquico foi removido para parte incerta.

O congresso radical de franceses e a guerra de Marrocos

NICE, 19 — O congresso do partido radical votou por unanimidade uma moção convidando o governo a, de acordo com a Espanha dar às populações rifenhas a mais larga autonomia política, administrativa e comercial fazendo com elas o tratado como é de uso fazer ou realizar com nações independentes, unica forma de conseguir-se uma paz autentica. — A.

A "Legião Negra" em Espanha escarpelizada por um seu confidente

O atentado de Pestaña: Foi levado a cabo por Vinals, João de la Manta, Carlos Baldrich e Ramon Ródenas. Pestaña deve recordar-se que antes de cair ferido lhe disse um indivíduo: «A ti te procurou» e disparou em seguida. Este indivíduo era Vinals. Depois do atentado Vinals e Ródenas marcharam para Barcelona. No comboio disparou-se a pistola de Ródenas, ferindo-o numa perna, ferida de que se curou clandestinamente. Ródenas foi vítima dum atentado dos seus companheiros, de cujas feridas foi curado no «Clínico»; averiguesse de quantas o curaram, e ver-se-há que tem uma a mais, que ninguém tratou. Quando fui preso, este indivíduo fez-me escrever duas cartas a um tio seu, nas quais, pouco mais ou menos, dizia que quando o chamassem a fazer declarações, dissesse que quando ocorreu o facto estava em sua casa. Esse seu tio foi testemunha no acto da audiência, e assim o declarou. Procure-se a testemunha que se chama Ródenas, que talvez se encontrem as cartas do seu sobrinho. Este atentado pagou-o Anido.

Tomaz Herreros: Tomaram parte neste atentado José Cinca, Carlos Baldrich, Manuel Navarro e Leon Simon; interroga-se a Herreros, e dirá que chegaram uns sujeitos, que começaram a ver livros, e perguntar preços; passado um bocadinho de tempo comprou um, dando-lhe um duro, e ao mesmo tempo o comprador tirou um estilete envolto num papel e assestou-lhe uma punhalada, marchando acto contínuo o agressor pela Rambla acima. Este indivíduo é alto e delgado, creio que Herreros se fixou nele; ignora se naquele momento levava os óculos, como de costume, pretos ou verdes; chama-se Leon Simon. Sales entregou-lhe pelo feito 300 pesetas.

Foix: Foi planeado por Jaime Fort, Sales e Homs, e executado por José Cinca, Manuel Simon e Fulgêncio Vera.

Os executantes estavam na praça da Universidade, e Homs, Fort e o «somatenista» Torrens esperavam a passagem de Foix no «Bar Izquierda». Quando passou Foix de regresso do trabalho, Homs indicou-o a Fort, e este seguiu-o, indicando-o por sua vez aos pistoleiros. Escondido detrás dum camião, Vera disparou os tiros que lhe causaram a morte. Homs e todos os restantes eram os encarregados de facilitar a fuga aos pistoleiros. Este atentado pagou-o Jaime Fort, do Sindicato de «Banco e Bóias».

Manero: Organizou-o Homs, Torrens e o «Livre»; foi executado por José Cinca, Carlos Baldrich e Manuel Simon. Homs indicou-o aos pistoleiros tão de perto que Manero devia tê-lo ouvido, tanto que voltou a cabeça quase ao mesmo tempo que Simon disparava a pistola à queima-roupa, que não fez fogo, fazendo imediatamente outros tiros que lhe ocasionaram a morte. Também foi pago pelo «Banco».

Salvadore e Alvaricias: Foi organizado pelo «Livre», Homs e Torrens; executado por Cinca, Baldrich, Sales e Manuel Simon, que se colocaram no Paseo de Gracia, onde lhes foram indicados por Homs e Torrens.

Canela: Foi planeado por Arlegui e pelo «Livre»; executado por Sales, Cinca e os irmãos Alvarado.

Crusot e Canals: Foi planeado pelo «Livre», e tomaram parte Fulgêncio Vera, A. Coll, A. Olivares e Paulino Pallás; este atentado, como todos, foi pago por Anido e Arlegui, que eram cotizados pelo «Livre» e pela Patronal; esta tinha designado para pagar a Miró e Trepat, Muntadas, Lligi e outros.

Pey: Planeou-o o Requeté de acordo com Torrens e Homs, que foram os que indicaram. Tomaram parte nele Beltrán, Puente e outros, todos «somatenes» jaimistas. Neste atentado tinham que morrer três indivíduos, porém, contra o seu costume, ia só Pey.

Pestaña: Ofereceu Muntadas 25.000 pesetas ao «Livre» pela sua morte, e este organizou o atentado da seguinte forma: Quasi em frente ao balcão de Pestaña há outro, e como este tinha o costume de se debruçar nele, compreendeu Sales que com arma comprida se podia matá-lo, e para este fim fizeram desocupar o andar do citado balcão, dando uma gratificação de 100 pesetas.

Vê-se que não puderam cometer o atentado por falta dum carabina, ou por Muntadas dizer que entregaria as pesetas a quem cometesse o atentado em vez de as entregar a Sales.

FECET

tante para se proferir frases como o sr. António Maria pronunciou. Essa salvação vinda do homem que maior número de vítimas tem criado entre o operariado é a mais repugnante afronta que se tem feito à classe operária. Como órgão do proletariado, como jornal da choldra, a Batalha devolve a salvação à procedência, repellido, assim, a lama que esse odioso político arremessou às faces do povo trabalhador.

O 19 de Outubro

Passou ontem o triste aniversário da revolução de 19 de Outubro que tão trágicas consequências teve. Os jornais conservadores recordando essa data visam sempre, não a escarpelizar os crimes praticados pelos que se aproveitaram do ambiente revolucionário para se entregarem à fúria das suas vinganças, mas sim a convencer o povo de que só as revoluções de carácter radical, como aquela, estão sujeitas a estes trágicos precalços. Os assassinatos que se cometeram foram a triste consequência da sementeira de ódios que os políticos têm feito para melhor defenderem os seus interesses baixos, rasteiros e mesquinhos.

Saudação "A Batalha"

A Direcção do Grupo Excursionista «O Despertar» enviou-nos um officio comunicando-nos que na última reunião desta colectividade foi resolvido saudar A Batalha. Agradecemos.

A AUOACIA DUM MONOPOLIO

A Companhia do Gaz ainda não desistiu do escandaloso aumento de preço sobre o aluguer dos contadores e dos fogões, a-pesar da Câmara Municipal, num gesto que, por ser excepcional, nos causou estranheza, lhe ter negado autorização.

Esse desrespeito da Companhia do Gaz pelas decisões da Câmara Municipal daria noutros tempos, nos famosos tempos da propaganda, pretexto excelente para grandes protestos e comícios violentos que obrigariam aquele potentado a encolher as garras. Hoje esse desrespeito não causou a menor indignação nos republicanos governamentais que são gente terna e brandiciosa, cheia de complacências para todas as quadrihas que nos roubam, excepto a do Pe de Cera, por não ser legal e não repartir seus ilícitos lucros com os magnates da propaganda.

O aumento de preço sobre o aluguer dos contadores ainda é mais escandaloso do que o que se pretende fazer incidir sobre os fogões. O fogão ainda representa uma comodidade para os consumidores; do contador não se pode dizer o mesmo. Que vantagem, que comodidade pode dar o contador, aos consumidores? E' fácil de deduzir que o contador só tem utilidade para a Companhia, pois serve apenas para fiscalizar o consumo do gaz ou da electricidade. E a Companhia pretende que a sua fiscalização deve ser paga pelos consumidores, pois outra coisa não representa o famoso aluguer do contador. Não contente com isso ainda exige que o consumidor pague mais caro um contador que é de exclusiva vantagem da Companhia.

Não devem os consumidores confiar na acção débil da Câmara Municipal. Devem agir também porque, principalmente, da sua atitude está dependente o salvar-se do grande roubo tentado pela Companhia do Gaz. Este famoso monopólio esquece-se de que tem deveres a cumprir, para pensar exclusivamente nas suas vantagens — as tais imoraliíssimas vantagens a que nos temos reportado.

Esquece-se a Companhia — um inocente esquecimento — que o gás não tem o poder iluminante e calorífico que devia ter, que pelos contadores em vez de sair gás sai ar, um ar que parece empestado de gases...

Esquece-se ainda a famosa Companhia que a corrente eléctrica é intermitente; esquece-se igualmente que os serviços da electricidade são péssimos e que causam gravíssimos prejuizos para os consumidores — prejuizos que a Companhia nunca pensou nem em evitar, a-pesar deles serem frequentes, nem em indemnizar a-pesar deles serem grandes.

E a iluminação da cidade? A Companhia nunca pensou nesse problema. Que a cidade continue às escuras, que continuei quasi como estava antes da guerra — e os seus habitantes se não virem, que esfreguem um olho para se orientarem de noite ou que andam às apalpadelas, o que vem a dar no mesmo. A iluminação de Lisboa está circuncrita à iluminação da Baixa e, a-pesar disso esta parte da cidade está quasi envolta em trevas! O resto da cidade não existe para a Companhia do Gás. Lisboa, tirando a débil iluminação das suas artérias mais centrais, está submersa em trevas, o que não acontece com algumas das vilas mais importantes do país e com a mais insignificante terreola do estrangeiro.

Não será tempo de os consumidores organizarem uma resistência eficaz contra o poderoso monopólio, avivando-lhe a memória e forçando-a a encolher as guerras?

A 'Batalha' no banco dos réus

Foi adiado sine-die, o julgamento do nosso camarada Carlos Maria Coelho editor da Batalha considerado, à face da lei, responsável por uns artigos aqui publicados e que o Ministério Publico considerou ofensivos da dignidade dos tribunais. E' uma coisa bastante pitoresca: os supostos ofendidos a julgarem os seus ofensores.

Mas como estamos também querelados por uns artigos considerados ofensivos para a G. N. R. do novo julgamento deve incluí-los.

Se o Ministério Publico continuar assim, a embicar com o nosso livre direito de critica, dentro em breve só temos tempo para estarmos numa unica posição: sentados no banco dos réus. E assim a nossa existência passará a ser propriedade exclusiva dos tribunais.

TOUROS DE MORTE

O que os fidalgos nunca conseguiram no tempo da monarquia, conseguem-no os "novos ricos" da República

Causou bastante sensação o nosso protesto publicado nas colunas de *A Batalha* contra a vilania praticada na praça de touros de Santarém, em que se estocou um touro brutalmente, barbaramente, imbecilmente, por entre os protestos ruidosos do Zé do sol que ainda, ao que parece, não possui aqueles requintes de bom gosto e de civilização, portadores da admiração e do gozo de ver martirizar um animal, apenas pelo prazer de... ver sofrer a impotência bruta, contra a ferocidade consciente.

Porque, justo é confessá-lo, e, para honra da cidade de Santarém se publica, em todos os centros de cavaco onde se discute a célebre corrida à espanhola, com um *destro* que, em Espanha, talvez não passe de um simples magarefe, os que pretendem justificar ou defender o bárbaro espectáculo, estão sempre em minoria. E, esses poucos, na sua fúria de arranjar argumentos, que nos fazem calar a voz da indignação, mais que justa e humana, apela para os nossos sentimentos altruístas, dizendo-nos que—apenas com espectáculo como estes—é que a Misericórdia de Santarém pôde manter o seu hospital, pois só assim a praça se enche. Não colhe, porém, tal argumento infeliz.

Já é de si bem triste que uma casa que se fez para mitigar dores e sofrimentos humanos, precise viver à custa das dores e sofrimentos conscientemente infligidos a um dos mais úteis animais que auxilia o homem nos árduos trabalhos do campo. A simples taurina com bandalilhas já de si revela a pouca dose de sensibilidade e humanidade dos homens que a defendem; quanto mais quando esse tólo espectáculo, herança triste dos circo da antiguidade, na decadência romana, é agravado com os rojões ou com a espada, ainda que ela seja empunhada por quem o sabe fazer.

No momento em que o governo, a pedido da Sociedade Protectora dos Animais e, comercialmente, para atender às justas reclamações dos industriais de couros e peles, proíbe o uso bárbaro do aguilhão, mantendo-o substituído pelo chicote, como se fez em África onde se vêm carros puxados a 20 bois, todos eles manobrando inteligentemente ao simples som dos estalidos do chicote, neste momento é que as autoridades da República, olhando a lei com os olhos da mais absoluta desprezo, e as determinações de cima com a mais completa indiferença, permitem que se leve a efeito espectáculo, reveladores dos mais perversos instintos!

Não pode ser! O crime conscientemente praticado pelas autoridades de Santarém não pode ficar impune.

Não temos a menor confiança na nobreza de sentimentos do sr. presidente do Ministério, tantas vezes apregoada. Ele que continua a fazer ouvidos de mercador aos protestos contra essa ignomínia das deportações sem julgamento, ele que consente que continuem presos, sem culpa formada, durante meses e meses, homens cujo crime é cair no desagrado dos janizares da polícia, ele que permite o uso do *cavala marinho* como argumento conveniente na descoberta dos crimes por esses comissários da polícia, não se incomodará muito com a morte dos touros em Vila Franca, em Santarém, em Salvaterra e, daqui a pouco, em Lisboa, se houver quem nisso se meta.

Ele, o sr. presidente do Ministério, que consente no empastamento de homens dentro das esquadrões, sem que se possam defender dos seus algozes, não deve sentir-se muito impressionado com o facto de se rojonearem os bois nas arenas, perante o estúpido gargarhar da nobreza bacalhadeira dos últimos tempos.

Constonos-nos que o sr. G. Civil de Lisboa havia perguntado ao sr. delegado em V. Franca de Xira quem é que dá autorização para que se matassem bois numa das últimas corridas. Pergunta imbecil ou antes de uma hipocrisia soez.

Pois não sabe o sr. G. Civil de Lisboa quem autorizou a morte dos touros? Não sabe o G. Civil de Santarém quem autorizou o estocamento de um touro? Sei-o eu e vou dizê-lo ao Presidente do Ministério, para que não perca tempo a colher informações oficiais que são sempre falsas e verdadeiras como um célebre telegrama eleicoeiro afixado nos placards do *Século* e *Diário de Notícias* em Santarém sobre a linha telefónica.

Quem autorizou esses crimes repugnantes foi o sr. Governador Civil de Lisboa, deixando rojonear touros que, se não caíam, na praça, à vista do público, iam acabar lá dentro, esvaziando-se em sangue, contorcendo-se de dores.

Quem autorizou a morte do touro em Santarém foi o sr. Governador Civil, fugindo para Lisboa, depois de ter combinado com os seus representantes fazerem vista grossa ao que se passasse na corrida e mandando para lá, para simples testa de ferro, o chefe Francisco Pedro.

Acabo de ver nos jornais que o sr. Mário Forte proibiu a corrida de Salvaterra. Foi para salvar as aparências e para se sangrar em saúde. E' muito tarde. Nem o G. Civil de Santarém precisava de proibir o que é proibido; bastaria castigar o que previassem. S. Ex. que ainda não foi capaz de proibir o jogo, como quer ter autoridade para proibir hoje o que ontem autorizou?

Serra FRAZÃO

Um protesto da Liga de Defesa dos Animais

O senador Rodrigo Guerra Alvares Cabral, presidente do conselho directivo da Liga Nacional de Defesa dos Animais, acompanhado dos restantes membros do mesmo conselho, foi ontem entregar ao ministro do Interior um veemente protesto contra os depredamentos factos ocorridos nas últimas taurinas realizadas em Vila Franca e Santarém, indignos desta civilização.

Na ausência do ministro, o presidente da Liga conferenciou com o director geral daquelle ministério, a quem pediu para serem expedidas ordens terminantes às autoridades de Salvaterra de Magos para não ser permitida a repetição do que se passou em Vila Franca, anunciado até já na imprensa.

A generosidade dos salvadores do país em vésperas de eleições

LEIXÕES, 16.—A agitação eleicoeira bate, nesta vila, o «record» da violência. Não contentes com insultarem-se mutuamente na imprensa local, procurando anichar o maior numero possível de... «salvadores», nas cadeiras do poder, os senhores políticos tentam agora explorar um outro filão que, a conseguirem os seus fins, lhes dará fartas colheitas. Faz-se aqui, entre os chamados desportistas, grossa propaganda para a eleição de homens amigos do sport (?) aos lugares vagos de camaristas. Pretendem os politiquinhos vigiar os novos votantes fingindo interessar-se pelo «robustecimento da raça» mas no fundo, não procurando mais do que anichar homens que em breve começarão a utilizar para a satisfação dos seus interesses. Que, ao menos, e já que não podem furtar-se às «belezas» do football, os desportistas jovens marítimos e operários em geral, repudiem os maneios daqueles que, como carneiros, os pretendem conduzir. A política é um mau vício e aquele que abdicou um dia, votando, não mais poderá furtar-se às malhas da engrenagem eleicoeira, a menos que adquira educação e cultura superiores que lhe façam ver o perigo de se deixar embalar nas cantatas dos elegíveis. Cautela, pois, trabalhadores!—C.

Os Bombeiros Voluntários de Lisboa comemoram o 57.º aniversário da sua associação

Os bombeiros voluntários de Lisboa, estiveram no domingo em festa. A sua associação, comemorando o 57.º aniversário da sua fundação inaugurou uma lápide em homenagem à memória do seu fundador Guilherme Cossou.

A's 14 horas foi aberta a sessão solene pelo sr. Filipe Mendes, governador civil, que ao assumir a presidência descerrou a lápide que se achava coberta com a bandeira nacional. Usaram em seguida da palavra os srs. Filipe Mendes, Francisco Grilva, do Instituto dos Seguros Sociais; Dr. Tovar de Lemos, Paiva e Pona e Simões Torres, que se referiram elogiosamente aos fins filantrópicos da instituição dos bombeiros voluntários.

Terminada a sessão solene, saíram em passeio pela cidade, com as respectivas guardiões, o carro de pronto socorro e o auto-maca.

O quartel esteve durante dia e noite patente ao público, tendo sido muito visitado, e o largo do Barão do Quintela achava-se ornamentado com plantas e bandeiras.

A lápide inaugurada, tinha gravada a lettras douradas a seguinte inscrição: «A Guilherme Cossou, fundador da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa e seu primeiro comandante—1868-1880—Faleceu em 27 de Novembro de 1880.—Homenagem prestada em 18-10-1935».

Francisco Ferrer

Centro Comunista Libertário do Porto

Nesta colectividade anarquista, effectuou-se, na pretérita terça-feira, uma sessão comemorativa do bárbaro fuzilamento de Ferrer, a qual foi desadadamente concorrida, por assistência selecta de ambos os sexos.

Nesta sessão, que foi presidida pelo nosso camarada José Rodrigues Reboredo, falaram, além deste, Adolfo de Freitas, Vieira Alves Costa Carvalho e Inácio Martins. Todos os oradores se referiram largamente à nefasta acção do jesuitismo, inimigo acérrimo da educação moderna; aos crimes monstruosos da igreja, cometidos através dos tempos contra o Pensamento Humano; e à reacção capitalista-militar que se desenvolve por todo o mundo. Foi posta em relevo a actividade revolucionária de Francisco Ferrer y Guardia, quer como pedagogo, quer como propagandista, cuja obra de esclarecimento idealista, foi o pretexto de que o tráfego «mauracrievista» se serviu para assassinar o grande Educador nos malditos fossos de Montjuich.

A ditadura riverista, bem como a mussonilica—não sendo esquecida a situação reaccionária dos nossos políticos—fôram duramente criticadas.

Fôram aprovados os seguintes documentos: «O povo operário do Porto, reunido em sessão pública a convite do Centro Comunista Libertário, para recordar a morte do Apóstolo da Revolução Social, resolve: 1.º Protestar contra a guerra de Marrocos, por esta representar a maior afronta à liberdade dos povos; 2.º Lavrar o mais enérgico protesto contra a pena de morte; 3.º Saludar todos os indivíduos e organizações que, envolvidos nas lutas da emancipação social, sofram as violências do despolismo estatal».

«O povo operário do Porto, reunido em sessão comemorativa da morte de Francisco Ferrer, a convite do Centro Comunista Libertário, resolve: 1.º Protestar contra as ditaduras de Primo de Rivera em Espanha e Mussolini em Itália; 2.º Dar conhecimento deste protesto aos respectivos ministros de Espanha e Itália em Portugal».

Foi igualmente aprovado um aditamento para que o protesto seja extensivo contra as deportações, exigindo-se o immediato regresso dos sobreviventes da tirania republicana, e a libertação dos prisioneiros que gemem nos ergástulos da República portuguesa.

A sessão terminou aos vivas à Liberdade, organização operária e revolucionária, etc., etc.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00 Pelo correio 16\$50. Pedidos à administração de «A Batalha».

FOTOGRAFIAS do Congresso Confederal

Na nossa administração encontram-se à venda fotografias do Congresso Confederal, ao preço de 10\$00.

Satisfazem-se todos os pedidos que venham acompanhados da importância respectiva e mais \$50 para porte de correio.

Na União Ferroviária

Uma sessão solene comemorativa do aniversário da Escola e Biblioteca

Com grande assistência realizou-se no dia 13, pelas 20 horas, na sede desta colectividade, uma sessão solene comemorativa da passagem do 2.º aniversário da criação da escola e biblioteca e para inauguração da fotografia de Ferrer.

As janelas da sede da U. F. tinham um aspecto deslumbrante e as paredes das salas da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

Aberta a sessão, o secretário da escola, depois de saudar a assistência, convidou para assumir a presidência o sr. António Augusto Moreira, presidente da U. F., que se seguiu pelo sr. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explicou o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores. Em seguida Carlos Guimarães, que fala em nome da comissão administrativa da Escola e Biblioteca, recorda o que foi o início da escola e a fé que nela depositaram os seus fundadores para levantar o prestígio da classe ferroviária do norte. Quando acenderam este facho de luz, e que os seus continuadores procuram desenvolver, foi para que o professor ensinasse os alunos a ler o evangelho da Fraternidade, que é o símbolo do amor, para que cumpram o código da Solidariedade, lei do dever. Lembra a passagem do 17.º aniversário do fuzilamento de Ferrer, afirmando que este dia é simultaneamente de luto e de satisfação.

O velho propagandista da organização Serafim Lucena Cardoso, que é recebido com uma salva de palmas, principia por historiar o significado das duas comemorações, e fazendo referência à vida de Ferrer, assevera que ele foi martirizado por ser um amigo da Instrução, talvez o maior.

Desenvolve detalhadamente o que se passou nessa semana sangrenta de 1906, em Espanha e refere-se às repressões governativas e aos maneios da reacção. Aludindo ao ensino racionalista, definiu os seus metodos positivos do ensino, a arte na escola e a orientação geral de educação, afirmando: a instrução deve sempre andar de par e passo com a propaganda, educando e organizando. Falou seguramente mais de uma hora, felicitando também os ferroviários pela fusão das duas associações, que classifica de exemplo salutar para o prestígio glorioso da corporação.

Manuel dos Santos Ivo, é recebido com uma salva de palmas; em nome do organismo que representa, disserta sobre a orientação geral da educação, afirmando que o ensino profissional e o ensino clássico, refletem bem o conflito social em que as sociedades se debatem e se dividem.

Assevera que o ensino clássico é para os ricos e o profissional é para os pobres. Termina por dizer que só pela educação técnica se poderá aperfeiçoar as indústrias e criar uma consciência sã, pelo que exalta a criação da escola no seio da sua associação, aludindo que o valor da educação reside no respeito da vontade física, intelectual e moral do indivíduo.

Segue-se Manoel Moreira da Costa e Miguel Moura, que aludem ao desenvolvimento da escola, salientando os seus objectivos para que foi criada. Referem-se à atitude assumida pela polícia, às perseguições arbitrárias e aos assaltos às organizações, estigmatizando tais processos e apelando para que todos repulsem essa infâmia, que envergonha a república e a classe proletária organizada.

Joaquim Vicente, em nome da direcção da U. F. V., sintetiza a colaboração na festa acentuando o acolhimento da iniciativa da inauguração da fotografia de Ferrer, vítima do critério obliterado da reacção.

Depois de fazer um esboço da comemoração feita, que redundou em benefício da instrução e educação da classe o presidente exorta a que todos coadjuvem no progresso da escola, que tantas vantagens trás para a classe ferroviária.

No final, foi, por Francisco Pinto, tirada uma quete para os presos por questões sociais, que rendeu 37\$00.

A sessão terminou era meia noite, com vivas à unificação da classe e à Escola e Biblioteca.

OS QUE MORREM

José Joaquim da Cruz Jorge Ribeiro

Faleceu ontem, vítima da tuberculose o antigo funcionário municipal José Joaquim da Cruz Jorge Ribeiro, tio do nosso camarada de redacção José Horto, realizando-se o funeral hoje, pelas 14 horas, do travessa do Alcaide, 49, 1.º, para o cemitério do Alto de S. João.

A Batalha envia à família enlutada a expressão das suas condolências.

Faleceu ontem o pai e cunhado dos srs. Fernando Botos e Adelino Ferreira, cujo funeral se realiza hoje pelas 15 horas da rua Infante D. Henrique 93, 2.º D., para o cemitério do Alto de S. João.

A comissão administrativa da Associação de Classe dos Pintores de Construção Naval e Anexos convida todos os seus componentes a incorporar-se no funeral do seu consócio João Santos Coelho, vítima do desastre a bordo do *Infante de Sagres*, saindo o préstito fúnebre da morgue, pelas 14 horas para o cemitério da Ajuda.

Ignal convite faz o S. U. dos Trabalhadores de Limpeza e Pintores de navios.

COLISEU HOJE—A's 21 (9 da noite)—HOJE 2.ª representação do notável jongleur SELBO

que ontem obteve um extraordinário sucesso. Novos, variados e originais trabalhos DA Grande Companhia de Circo

Sensacional e arriscado salto mortal, em automóvel, da cúpula para a pista por MR. FRANCESCO

O espectáculo mais barato de Lisboa

Entrada geral, 3\$00; Fautuils a \$500; Camarotes a 4\$000

Quinta-feira—Grandiosa matiné elegante

Segunda-feira, 26—Sensacional estreia Luxo—Riqueza—Deslumbramento

Lê o Suplemento de «A Batalha»

A aflição de um colega que vê em perigo os interesses dos viticultores durienses

REDE, 16.—Anda o correspondente de *O Primeiro de Janeiro*, verdadeiramente aflito, por ver que um «velhaco ou parvo» se atreve a desassecegar a preciosa digestão dos viticultores desta região e, francamente o dizemos, qualquer dia teremos de nos calar porque se não perdarmos as traficâncias do lavrador nesta desgraçada terra, não temos interesse algum em afligir um «amigo e colega nas lutas jornalísticas» tanto mais que devemos a sua excelência inúmeros e grandes favores... Quantas vezes temos até procurado pagar-lhos de qualquer forma que não envolva a ofensa do vil metal, sem que encontremos ocasião de o fazer?... Hoje podemos, porém, lançar no nosso lado da balança dos ditos obsequios, alguns elementos equilibrantes que certamente aquece o nosso amigo nos agradecida.

Trata-se de informar... em *A Batalha*, os leitores das correspondências de Rede, no *Jornal*, de que—apesar de não estarmos no mês de Agosto, em que houve aqui uma pequena crise—os salários continuam a ser uma autêntica irrisão que não dá, como sua excelência o correspondente muito bem diz, para comprar botas de polimento, gravatas de seda ou outros adornos indispensáveis... às senhoras chiques e respectivos maridos. De facto os referidos salários continuam sendo, com pequena diferença, aqueles que em Agosto aqui se pagavam...

Temos a impressão de que o nosso «colega e amigo» se esquece sempre dos números, quando fala de salários pagos aos rurais, ou talvez os utilize só e inadvertemente quando se trata de dizer o preço do milho, do pão e do feijão, principais géneros cultivados numa região vinícola... Dai o nosso desejo de auxiliar as suas correspondências com informes seguros que nem a própria «Defesa do Douro» poderá desmentir, como está a provar com o seu já longo silêncio... Ainda há poucos momentos se pagaram na nossa presença, senhor correspondente, três escudos a uma pobre mulher que, desde o romper do sol até à hora em que a noite começa, carregou dezenas de cestos vindimos sobre o seu dorso, tão digno de apudargido como qualquer «cangote» de cheirosa dama ainda que pese a quem diz que «cada um é para o que nasce...»—C. Teixeira.

Desordeiros fardados

Numa taberna da rua de Campolide envolveram-se em desordem vários indivíduos que saíram para a rua altercando, do que resultou passarem novamente a vias de facto. Passava na ocasião um sargento da G. N. R. que sem mais triz nem garte, sacou da espada e vibrou uma violenta cutelada na cabeça de José Cabral, deixando-o a escorrer sangue e evadindo-se muito briosamente.

Acutiu a polícia da esquadra de Campolide que intimou a multidão que se juntou, e que protestou contra a selvageria do sargento, a dispersar, mas como não fosse obediência, decidiu fôr furiosamente a esquadra, começou a agredir a furiosamente a esquadra. Deve-se acentuar que a grande maioria dos presentes eram mulheres que ficaram bastante contusas, não tendo ido receber curativo com receio das feras. Uma pobre mulher de nome Palmira de Castro, que na ocasião tinha vindo à procura de uma filha foi também agredida furiosamente tendo de ir receber curativo ao posto de socorros do Corpo Voluntário de Salvação Pública, onde igualmente recebeu curativo o José Cabral.

Distinguiu-se na prática destes «actos heroicos» o cabo Manuel para o qual nos permitimos propor um lugar de «chefe».

E' interessante a versão de 2 polícias da dita esquadra a quem perguntámos o que havia sucedido.—Foi uma desordem, a polícia não bateu; foi um sargento da G. R. que nós não perseguimos para evitar complicações. Houve uma mulher ferida (era a Palmira) que quando ia a fugir bateu com a cabeça num muro. E' mais nada.

Acharam pouco os «heróis»...

TIVOLI TEL. N. 5014

A'S 8 HORAS E 3/4

A MULHER MAIS BONITA DO MUNDO

Comédia dramática em 8 partes com LEE PARRY

UMA PANORÂMICA

Dois revistas de elegâncias DUAS CINE-FARÇAS com Pamplinas e Sandallo

O Teatro na Educação

A bela e moderna revista *Educação Social*, que é dirigida pelo distinto pedagogo dr. Adolfo Lima, acaba de publicar um número especial, interessante sob todos os pontos de vista, dedicado ao Teatro na Educação, contendo 68 páginas com o seguinte sumário:

«A Educação pelo Teatro», por César Porto; «Henrik Ibsen: «Bento Mantua», por Bento Faria; «Ermete Novelli»; «O actor-educador», por M. Araújo Pereira; «Gerhart Hauptmann»; «A Figuração do Teatro como meio de Educação Social», por António Pinheiro; «João Rosa»; «Marcelino Mesquita», pelo dr. Joaquim Madureira; «Virgínia Dias da Silva»; «Teatro escolar», pelo dr. Adolfo Lima; «Eleonora Duse»; «B. Shaw»; «Crítica educativa», pelo dr. Adolfo Lima; «Jean Julien».

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «canchi». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

DESPORTOS

O «Sport Lisboa e Benfica» triunfa no Hockey, na Estafeta Ciclista Coimbra-Lisboa e no Futebol

O popular club lisboeta S. L. B., reviviu na tarde de domingo o seu passado orgulhoso de inumeros triunfos.

No prosseguimento da final, para o campeonato do Hockey, em patins, que havia ficado empatado, embora com um prolongamento, no dia 11, conseguiu após, uma movimentada e ardorosa luta, que durou oitenta minutos,—em tempo regulamentar e dois prolongamentos—conquistar o título de campeão de hockey em patins, vencendo a *equipe* do «Hockey Club» por 1-0. Triunfo merecido, porque jogou melhor que o seu adversário que foi dominado constantemente, após o início da segunda parte do tempo regulamentar, conseguindo a bola da vitória, a poucos minutos do fim do segundo prolongamento, por intermédio do novel jogador Jorge de Carvalho na marcação dum canto.

Outra vitória lhe estava reservada na tarde de feliz domingo.

Para início do campeonato de futebol, coube-lhe jogar com o Casa Pia no campo do Restelo, encontro esse que chamou aquele campo a maior assistência, que qualquer dos outros jogos não pôde registar. Porque despertava maior interesse entre os desportistas e não por outra razão, foram estes clubs os mais felizes no interesse monetário dos jogos de domingo.

O Benfica venceu sem dificuldade de maior, demonstrando grande superioridade.

O Casa Pia em 2.ª categoria por 6-0; em 3.ª por 9-2; em 4.ª por 4-0. Em primeiras categorias, vencendo o seu adversário por 3-2, encontraram maiores dificuldades para o fazer chegando a registar-se um 2-0 a favor do Casa Pia, no primeiro quarto de hora, surpreendendo a assistência que chegou a prever uma derrota dos «vermelhos».

Vitor Gonçalves, agora capitão da linha do Benfica, parecendo em boa forma, abre o activo numa excelente recarga; segue-se Mário de Carvalho, pouco tempo depois, estabelecendo o empate ainda no primeiro tempo. Na segunda parte, acentuado o domínio dos «vermelhos» Jorge marca a bola da vitória tendo ainda sido perdidas pelos avançados benfiquenses, duas outras ocasiões flagrantes para aumentar o número de pontos a seu favor. O Casa Pia resistindo bem, foi na segunda parte inferior ao seu adversário, que por sua vez não produziu o que deles era esperado. Arbitragem, branda um pouco mas imparcial.

Outra prova, brilhante pela sua organização e ainda mais pela importância que lhe deu os organismos desportivos que a ela concorreram, foi a Estafeta Ciclista Coimbra-Lisboa organizada pela União Velocipedica Portuguesa, velho e prestimoso organismo que a causa do desporto tem prestado valiosos serviços que muito a nobilitam.

A sua iniciativa acorrem as «equipes» do União F. de Coimbra, Sport Club Combricense, Grupo Sport Cruz Quebrada, Club Atlético de Campo de Ourique e Sport Lisboa e Benfica.

Rijamente disputada, mereceu o valor dos concorrentes que constituíam as «equipes», um novo triunfo registou o club «vermelho», conseguindo por intermédio do seu «equiper» João dos Santos Borges conquistou o primeiro lugar, muito embora o desastre sucedido ao seu corredor Francisco de Almeida que à saída de Coimbra caiu da máquina, sofrendo várias contusões que, não lhe impedindo a marcha, o inferiorizou no tempo, sendo necessário receber curativo no hospital de São José quando chegou a Lisboa.

A prova, dividida em três estafetas—Coimbra a Leiria, 67.300 metros; Leiria ao Bombarral, 71.800, Bombarral a Lisboa, 76.300—é dada a partida em Coimbra, às 6 horas, pelo delegado da U. V. P., sr. Alberto Ferreira, dando o seguinte resultado:

A Lisboa chegou o primeiro corredor às 3 horas, 11 minutos e 30 segundos, João dos Santos Borges, do S. L. B.

A's 3 h. 14 m. e 30 s. atravessou a meta, Alfredo Sousa.

A's 3 h. e 40 m. chegou o corredor do Combricense, Aníbal Carreto.

A's 3 h. e 54 m. tocou a meta o corredor do Cruz Quebrada, Joaquim Raposo.

Manuel Pires desistiu à saída do Bombarral.

A constituição das «equipes» concorrentes era a seguinte:

Sport Lisboa e Benfica—João dos Santos Borges, Alfredo Piedade e Francisco dos Santos Almeida.

Club Atlético Campo de Ourique—Alfredo de Sousa, João de Sousa e Quirino de Oliveira.

Sport Club Combricense—Aníbal Carreto, Gil Augusto Correia e J. Pedroso Júnior.

Grupo Sport Cruz Quebrada—Joaquim Raposo, Baltazar Falcão e Artur da Silva Amado.

União Foot-Ball Coimbra Club—Manuel Pires, Augusto Pires e David Galante.

O júri da prova era constituído pelos srs. J. Mendes Amado, presidente; João Dias de Brito e Júlio Camelo.

Resultado dos outros jogos de Futebol

Como não podemos assistir o que é compreensível, aos jogos effectuados em vários campos, limitamo-nos a dar o seu resultado.

Divisão de Honra

1.ª categoria—Sporting, 2; União, 1; Carcavelinhos, 4; Império, 2; Belenenses, 1; Vitória, 0.

2.ª categoria—Sporting, 2; União, 3; Carcavelinhos, 4; Império, 1; Belenenses, 2; Vitória, 1.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Sociedade de Concertos Sinfónicos

Esta sociedade, recentemente fundada em Lisboa, realiza o seu primeiro concerto, a 31 do corrente, em «matinée» e no teatro de São Carlos. No intuito de desenvolver o gosto pela música sinfónica, organizou a sociedade um esmeradíssimo programa, que em breve será divulgado, e do qual fazem parte notabilíssimas composições que conquistarão o agrado unânime do público.

Para reger a orquestra, de que fazem parte 90 professores, escolhidos entre os mais distintos que cultivam a arte musical, foi especialmente contratado o insigne maestro russo Emile Cooper, que tanto conseguiu salientar-se pela forma brilhante como dirigiu, na temporada finda, as orquestras no São João, do Porto, e no Coliseu dos Recreios.

Notícias

Entre as peças que na actual época representará em São Carlos a companhia Lucília Simões, figura o original de Ramada Curto, intitulado «Noite de Casino», que tem 3 actos. A temporada de São Carlos inaugurase na sexta-feira próxima com «O Ladrão», de Bernstein, em que Lucília Simões tem um trabalho notabilíssimo, acompanhando-a brilhantemente, Erico Braga. O elenco da companhia que representa em São Carlos contém os seguintes elementos artísticos: Lucinda Simões, Lucília Simões, Amélia Pereira, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Maria Lagos, Irene Isidro, Maria Leite, Júlia Silva, Noémia Pinto, Erico Braga, Joaquim Almada, Samuel Denis, Mário Santos, Seixas Pereira, José Monteiro, Augusto Conde, Francisco Sampaio, Pestana de Amorim e Rebelo de Almeida.

A bilheteira de São Carlos abre hoje começando a venda de bilhetes, sem locação, para a primeira recita da temporada de inverno.

Reclames

Alcançou um extraordinário sucesso, como era de esperar, o «jongleur» Selbo que ontem fez a sua estreia no Coliseu dos Recreios e cujo trabalho, foi aplaudidíssimo pela assistência que era numerosa. Dentro do programa está ainda, por poucos dias, o arrojado salto mortal em automóvel, da cúpula para a pista, do artista Mr. Francesco.

Na próxima quinta-feira realiza-se uma «matinée» e na segunda-feira, 26, uma estreia.

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje a abertura do novo ano pedagógico da Universidade Popular Portuguesa, sita na rua Particular à rua Almeida e Sousa, à Estrela, começando por uma sessão cinematográfica em que serão apresentados alguns filmes educativos.

Na próxima semana se iniciará a série de conferências científicas e literárias; e muito em breve reabrirão os cursos de «Higiene e Puericultura» e de «Educação para a Vida», sendo oportunamente anunciados os dias em que se efectuarão.

Parque Automóvel Militar

Em sessão expressamente convocada para esse fim reuniu o pessoal deste estabelecimento para apreciar a situação difícil que em este se encontra.

Exposta a situação pela comissão que já algumas «demarches» tinha effectuado para de positivo saber-se qual a situação do pessoal do Parque foi em seguida resolvido que a dita comissão continue os seus trabalhos.

A dar-se o encerramento das oficinas algumas centenas de operários ficarão privados dos meios de subsistência, atendendo à grande crise que lava na classe metalúrgica.

O Sindicato Único Metalúrgico informado da situação resolveu em sua reunião, enviar um delegado junto do pessoal.

Ficou deliberado officiar-se ao Sindicato Único da Indústria de Veículos para que este organismo actue no sentido de evitar que os seus componentes tenham que lutar com a falta de trabalho que também muito se faz sentir na indústria.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete francês «Braga» se hoje expedidas malas postais para Ponta Delgada, Horta e New York, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência às 9 horas e por via Marselha para a Índia portuguesa e Macau a última tiragem é às 11 e 30 m.

AGREMIÇÕES VARIAS

Sport Lisboa e Benfica.—Reuniu no dia 27 de Setembro a assembleia geral desta agremiação, elegendo para os corpos gerentes para o exercício de 1935-1936 os seguintes consócios:

'A Batalha' na provincia e arredores

Mina de S. Domingos

Propaganda eleitoral—A estranha moral dum gerente

MINA DE SÃO DOMINGOS, 15.—Um ex-administrador furibundo. — Assistimos sem que fossemos notados a uns efusivos abraços distribuídos crêmos na melhor das intenções, pelo sr. Sá Pereira que se fez acompanhar dum furibundo que já foi delegado do governo vivendo durante todo o tempo que foi autoridade em amistosíssimas relações com os maiores e mais declarados inimigos do operariado. Entre outras pessoas aproximaram-se de Sá Pereira alguns operários da Mina e o Secretário do Sindicato que nos afirmou cumprir com satisfação, nesta localidade aquele secretário que quando das perseguições da gerência da Mina algo se esforçou porque a sua prisão se não mantivesse. Sabemos que a vinda de Sá Pereira se prende com uma próxima viagem de propaganda... eleitoral e segundo informes que obtivemos, por cá vir também, o ex-governador civil que apear-de muito legalista não conseguiu fazer com que a Empresa das Minas desse cumprimento ao «farrapo» n.º 10.782, (dizemos «farrapo» localmente aplicando a palavra) que em parte deveria contribuir para que a mesma Empresa não praticasse descabidas exceções.

Sá Pereira que aliaz politicamente não podemos tomar em consideração deve já conhecer os trampolinos que aparentemente procuram testemunhar-lhe grande simpatia e em breve ha-de notar que a hoste esquerdista do Concelho como de resto todas as hostes politicas deste burgo Feudal não são dotados de vontade própria e aos seus dirigentes sobre a Moral furibunda... para se declararem esquerdistas!!... E' que se de facto existem boas intenções estes pormenores são precisos—por aqui existem simplesmente aspirantes a republicanos.

—Foi ontem despedido dos trabalhos da Mina um operário que já vinha sendo perseguido pelo canalha Rich, pelo simples mas honroso motivo de prestar todo o seu concurso ao Sindicato dos Mineiros. Agora o novo... gerente que gosa das simpatias gerais (?) do correspondente do Diário de Notícias, despediu aquele operário, porque encontrou um leve mas plausível motivo. Não. Este gerente soube apenas «pegar» porque o referido operário não era casado mas sim amancebado!!... Sim. Oh, sarcasmo!!... O gerente da Mina não se convence que os inumeros filhos de um casal sejam testemunho suficiente de que vivem juntos dois seres de sexo diferente e por este processo tabela o pão cotidiano dos mineiros!!...

Messines

Uma subscrição com maus fins

—Um protesto dos corticeiros

MESSINES, 15.—Acabamos de ler no último numero do jornal «O Messinense», a noticia de que está aberta uma subscrição publica nesta freguesia cujo produto se destinara, metade para as despesas a fazer com a construção de uma cavalariça para a G. N. R. dando a Câmara a metade restante. Pois seria mais útil que pensasse em comprar uma carroça para fazer os despejos desta povoação.

—Os operários corticeiros de Messines reunidos em assembleia geral para tratar de assuntos referentes à classe e mais questões de interesse resolveram: protestar contra o assalto à sede da C. G. T. e a Batalha, pela policia.

Vila Nova de Gaia

Um jornal socialista (?) que defende a baixa de salários e os senhores

VILA NOVA DE GAIA, 16.—Mão amiga trouxe-nos um dos últimos números de «A Luz do Operário», jornal que se publica semanalmente em V. N. de Gaia. Já sabemos que «A Luz do Operário» se diz socialista, defendia a «outrance» dos interesses das «forças vivas» cá do burgo. O que não julgávamos porém; é que no referido jornal viesse aberta e descaradamente defender

MARCO POSTAL

Faro — Agente — Recebido 44791.
Lisboa — R. V. — Renovação safu, sim senhor.

S. Marcos da Serra — A. B. — Diário e Suplemento pagos até 21 de Outubro.
Terrugem — Ass. Rurais — Diário e Suplemento pagos até 22 de Outubro.
J. M. C. — Diário pago até 31 de Agosto.
M. J. C. — Suplemento pago até 30 de Setembro.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

D.		4	11	18	25	HOJE O SOL
S.		12	19	26		Aparece às 6,49
T.		13	20	27		Desaparece às 17,55
Q.		7	14	21	28	FAZES DA LUZ
Q.	1	8	15	22	29	1. C. dia 2 às 5,23
S.	2	9	16	23	30	Q.M. » 9 » 18,34
S.	3	10	17	24	31	1.N. » 17 » 18,6
						Q.C. » 24 » 18,38

MARES DE HOJE

Praiamar às 4,17 e às 4,35
Baixamar às 9,47 e às 10,05

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95,25	95,50
Madrid cheque		2883
Paris, cheque		888
Suica, cheque		3381
Bruxelas cheque		90
New-York, cheque		19570
Amsterdão		7593
Italia, cheque		79
Brasil, cheque		294
Praga, cheque		59
Suécia, cheque		5330
Austria, cheque		2580
Berlim, cheque		4571

ESPECTACULOS

TEATROS

Pollenteira — A's 21,30 — O Leão da Estrela.
Apolo — A's 21,15 — O Salimbanco.
Marta Vitoria — A's 20,30 e 22,30 — «Raptan».
Coliseu — A's 21 — Companhia de Circo.
Salão Soy — Animatografo e Variedades.
Juvenia — A's 21,30 — «Irmãos» e «A Cidade».
Gil Vicente (à Graça) — A's 20 — Animatografo.
Reneira Perque — Todas as noites — Concertos e diversões.

CINEMAS

Olimpia — Chisdo Terrace — Salão Central — Cinema Cendes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Esperança — Chanteceler — Tivoli — Tortoise.

a baixa de salários e os interesses maléficos dos senhores, que no dizer do autor dos dois artigos que se oulta no anonima-to, mas que conhecemos muito bem, testão pobres como Job.

Não fosse o autor dos supracitados artigos, taberneiro, proprietário e industrial; não defenderia tão acerrimamente a baixa de salários e os senhores! E a Luz das forças-vivas... perdão! do operário... consente que nas suas colunas se defendam os interesses de taberneiros, proprietários e industriais! Poderá! pois se o seu Director é «força-viva»... Mas como como no revolta tudo isto! E são individuos deste calibre que se propõem defender os interesses dos trabalhadores, pedindo-lhe votos para que possam chegar ao pedestal camarário e de lá ditarem as suas leis cheias de socialismo! mas só se fôr barriguita.

Que meditem os trabalhadores de Gaia.

Evora

A fonte do Largo de S. Domingos em ruínas

EVORA, 15.—No largo de Aviz, dispersos por toda a parte, encontram-se os diferentes pedaços de mármore que formavam a fonte que existiu no largo de S. Domingos, e que uma vereação que passou pela Câmara mandou arrancar.

Essa fonte hoje, não é nada; são pedras soltas, que o rapaziado frequentador do largo de Aviz, vai partindo e inutilizando para sempre.

Quando se lembrará a Câmara de reparar aquela selvajaria de uma sua antecessora.

—A actual Câmara mandou há tempos, há mais de dois meses construir o cano de esgotos da Rua das Adegas, e até hoje, a referida rua ainda se mostra por calcetar, o que constitui um perigo para quem necessariamente por ela tenha que transitar. O amontoado de terra e pedras que ali se encontram, no inverno, com a rua mal iluminada, dará azo a algumas quedas que podem ser graves.—C.

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lã 159\$00
IMPREVISTIVEL INGLESES com rinto e rapuz, desde 169\$00
CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00
CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, Rua da Boavista, 172

IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura do Dr. R. Wolff—Berlim

Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem succedâneos. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de tantas substâncias indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos secundários nos rins.

Numerosas confirmações individuais e atestam, assim como atestados médicos, não confundir este produto com outros similares.

Envia-se occulto — Preço: 17500; pelo correio, 18500

Dr. R. Wolff e Depósito geral para Portugal e Colonias

Fernando da Silva

188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:

A' VENDA SO NESTAS CASAS:
EM LISBOA — Farmácia MENDES BRAGA, 153, Rua do Mundo, 135. — Farmácia PORTUGAL, Lda. — Rua Augusta, 248
NO PORTO: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 31 de Janeiro, 203

Aos operários empreiteiros de obras de construção

Vendem-se madeiras de pinho nacional de 1.ª qualidade em tóco e aparelhadas, janelas, portas, caixilhos e todos os materiais para construção, incluindo ferragens e executam-se trabalhos que dizem respeito a serração e carpintaria mecânica, dando-se orçamentos gratis, concorrendo-se em toda a espécie de trabalhos.

Preços resumidos com desconto aos revendedores.

Rua D. Estefânia, 111 e 113 — Morla das tripas, 2 e 3

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 4 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Fele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 horas.
Doenças nervosas, electrotapia — Dr. R. Loff — 4 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mario Oliveira — 4 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 5 horas.
Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.
Tratamento de diabéticos — Dr. Ernesto Roma — 3 horas.
Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 13 horas.
Cancro e rádio — Dr. Cabral da Melo — 4 horas.
Raio X — Dr. José de Pádua — 4 horas.
Análises — D. Gabriela Bento — 4 horas.

TELHA PORTUGUESA

Vende-se uma porção.
Rua do Almada (à Bica), n.º 5.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 5000
Sapatos em verniz 3800
Botas pretas (grande calçado) 4800
Botas brancas (saião) 2800
Grande saia de botas pretas 5000
Botas de couro para homem 4000

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.
Ve bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é na rua dos Cavalheiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 63.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como todas as peças e ferramentas, tubos, molas, chumbeiros de 1 e 2 peças, lampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque.
Dirigidos por Francisco Pereira Lima e a casa que trabalha em melhor 33-43-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-64-65-66-67-68-69-70-71-72-73-74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95-96-97-98-99-100

'HERPETOL'

—) Dá um (—
Alivio instantaneo



SOFRE DE COMIÇÃO provocada pelo ECZEMA e outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de «HERPETOL» fará desaparecer rapidamente o comiço.

O «HERPETOL» CURA. A atestão-lo tem os inumeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do «HERPETOL» é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORSECO e CROSTAS DURAS.

Não hesite e compre um frasco de «HERPETOL» o melhor remédio que até hoje appareceu.

A' venda nas principais farmácias e nos depósitos, em Lisboa, Rua da Prata, 257, 258.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 17 desta revista intitulada Amor maldito, de Federico Uraez. Preço, \$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

Companhia Nacional de Navegação

Saídas em Novembro
Dia 1, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e oriental, o paquete
LOURENÇO MARQUES
Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o paquete

AFRICA
Saídas em Dezembro
Dia 1, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e oriental, o paquete

ANGOLA
Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o paquete

PEDRO GOMES
Saídas em Janeiro de 1926
Dia 1, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e oriental, o paquete

MOÇAMBIQUE
Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o vapor

CUBANGO
Saídas em Fevereiro
Dia 1, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e oriental, o paquete

LOURENÇO MARQUES
Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o paquete

AFRICA

AVISO IMPORTANTE: São avisados os srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou ao costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidados nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:
EM LISBOA, na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.
NO PORTO, na sua Sucursal, rua da Nova Alfandega, 34.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande loja de propagandas tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas marca «Touro» da Empresa de Limas União Tóme Feteira, Ltd., rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do Mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

ACABA DE SAIR
O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária
Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1800.

Pedidos à administração de A Batalha.
A revolução Social e o Sindicalismo
Por Arkhinof. Preço \$50.

Valério, Lopes & Ferreira, L.º

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metas, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO IMPERO, 86—LISBOA — TELEFONE 3930, N.º 1 gramas, P.º 12345

AOS MARCENEIROS

BAIXA DE PREÇOS

Vendas a dinheiro

Nogueira seca, serrada em 25-35, 1.500\$00 m. 3
Castanho seco, serrado, em 25-35-75-90, desde 1.300\$00
Freixo seco, serrado em 25-35 1.000\$00
Cedro 25-35-70 1.300\$00
Amieiro 25-35 700\$00
Urma 25-35-70 900\$00
Jabouina 25-35 850\$00 D.
Alfarda, desde 85\$00
Guarnição garra e 2 filetes, desde 255 m.
Guarnição soco e grade, desde 1210
Calmilha freixo p.º guarda-pra- 350
tas, desde 1.300\$00
Balaustres c.º 4-5-6-7-8-9, desde 255 c.
Maçanetas c.º 1-2-3, desde 1200
Pes de anelão c.º 1-10-11-12-13 1200
Colunas nogueira para guarda- 600
-pratas 600
Colunas amieiro para guarda- 450
-pratas 450
Talha completa para guarda-pra- 600
tas e aparadores 600
Talha completa para toilettes 300
-2 bastões (ornato) 300

68—Campo dos Mártires da Pátria—68
J. FERREIRA

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Preço 2500, pelo correio 2850
Devidos à administração de A BATALHA

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.ª—R. dos Retreiros, 125—LISBOA.

FOTOGRAVURA TRICROMIA ZINCOGRAFIA DESENHO

GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO LISBOA 1913
PREMIO DE HONRA LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49 LISBOA
TELEFONE 2554

20-10-1925 OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 555

para o areal do rio, que uma margem bastante escarpada ocultava a seus olhos.

Qual não foi a surpresa da guerreira! ela não vê na praia senão cinco ou seis barcos grandes e alguns barcos pequenos; impele o cavalo para o rio até meio corpo, a fim de interrogar um velho marinheiro que estava sentado à popa de um dos chalans; ela é informada que, por volta da meia noite, um capitão veio requisitar os barcos para o serviço do exercito real. O vento era favoravel e este capitão tinha ordem, segundo ele disse, de fazer seguir a flotilha para Blois, onde ia buscar reforços. Muitos dos arrais, entre outros aquele que estava falando com Joana, tinham respondido que não se mexeriam da sua amarração sem que recebessem contra-ordem dos vereadores; mas o capitão ameaçando os marinheiros que lhes causaria os maiores males se eles recusassem obedecer-lhe, o maior numero cedeu à intimação, julgando além disso que efectivamente se tratava de ir buscar reforços a Blois.

Seis chalans apenas, sem contar alguns pequenos barcos, tinham ficado ancorados perto da margem.

Essa nova maquinação do cavaleiro puntiu o coração da guerreira sem contudo abater a sua coragem, sem perturbar a sua presença de espirito; as suas tropas, graças ao numero de barcos com que ella contava, deviam ser postas em terra em duas ou três viagens; mas achando-se os meios de transporte reduzidos a um terço, seriam precisas oito ou dez viagens para se operar este desembarque. Ella perdia um tempo precioso com todas estas contrariedades; os ingleses, espiando sem duvida os seus movimentos do alto do reduto, e notando o pequeno numero de barcos de que ella dispunha, podiam muito bem tentar uma sortida, repelir este desembarque marchando sobre a praia antes que todas as tropas tivessem tempo de tomar terra ou de se formar em linha de batalha.

Joana apreciava o perigo extremo da sua posição, mas longe de desanimar, sentiu pelo contrario que lhe era preciso redobrar em audácia e sangue frio, por

isso, cheia de confiança na sua missão divina, disse consigo, segundo o seu proverbio favorito: *Ajuda-te... o céu te ajudará.*

O sol levantava-se por detrás das colinas arborizadas do Loire e das cortinas de choupos que assombravam as suas margens, quando as primeiras fileiras dos milicianos chegaram à praia. A sua angustia foi grande à vista do pequeno numero de barcos que os esperava; porém, Joana, não lhes dando tempo para reflexionar, exclamou:

—Que os mais ousados me sigam! os outros virão depois!...

Isto foi bastante para que todos se arremessassem aos barcos, a fim de serem contados pela heroína no numero dos mais ousados, ela entrega o cavalo a um criado e mete-se num dos barcos pequenos, somente acompanhada pelo seu escudeiro, pelo seu pagem e por um barqueiro encarregado de remar; depois circula muitas vezes em volta dos barcos, para se certificar se eles não estariam carregados desmedidamente; cada um dos milicianos tornava muito a peito ser contado no numero dos intrepidos; era uma verdadeira luta a ver qual havia de embarcar primeiro. Finalmente, depois de todos os barcos cheios, as velas foram içadas e o vento, que era favoravel, em breve os afastou da margem direita do rio, precedidos de muitos barcos pequenos onde tinham embarcado os vereadores, mestre João e alguns dos seus artilheiros; os outros tinham tomado lugar nos barcos grandes com Jeannette e Jeanneton, colocadas nas suas carretas.

O primeiro barquinho da vanguarda conduzia a Donzela, revestida com a sua branca armadura que brilhava aos primeiros raios do sol; de pé, imóvel à popa do ligeiro barquinho, encostada à lança do seu estandarte, do qual a brisa matinal desenrolava as pregas, a guerreira desenhava-se no azul do céu como o anjo da patria.

Apenas o barquinho tocou na outra margem do rio, Joana salta para a praia, e põe os seus homens

em linha de batalha ao passo que desembarcavam; mestre João, ajudado pelos seus artilheiros, desembarca as duas bombardas que tinham sido transportadas num dos barcos grandes, os quais voltam em seguida para a margem oposta a fim de continuarem a transportar os homens que ali tinham ficado por falta de barcos.

Estas viagens duraram mais de uma hora, hora de impaciência e de angustia inexprimível para a heroína. A cada momento ella receava ver os ingleses saírem dos seus entrancheiramentos e esmagarem o pequeno numero de barcos que ella comandava; mas os seus temores foram vão, a tomada heroica da bastilha de Saint-Loup, que havia caído na ante-véspera em poder dos franceses, consternara sensivelmente os ingleses, atribuindo à féticaria o triunfo de Donzela, não se atreviam a combatê-la a descoberto, o que esperavam fazer ao abrigo dos seus entrancheiramentos. Ella ajuizou bem desta timidez para o feliz successo das suas armas. Apenas a última falange desembarcou, Joana, a frente de dois mil homens, milicianos e camponeses, marcha direita à bastilha de Saint-Jean-le-Blanc, que se achava não menos fortificada do que a bastilha de Saint-Loup.

Mestre João, a fim de proteger o ataque dos assaltantes ao fôssado da bastilha, estabeleceu Jeannette e Jeanneton no reverso da palçada e assestou-as contra os parapetos do reduto, dos quais as bombardas e as máquinas de dardos começavam já a lançar os seus projectis sobre os franceses; mas, graças á precisão do tiro do artilheiro, muitos desses engenhos de guerra são destruidos.

O assalto, vindo a ser por esta razão menos mortífero, a Donzela e a sua tropa atravessam o fôssado, deitam mortos ou feridos muitos dos seus, trepam ao reverso do escarpamento, chegam ás palçadas e forçam-nas; o branco estandarte flutua em breve no baluarte dos entrancheiramentos, e após uma resistência desesperada, os ingleses, cedendo repentinamente ao pânico, fogem, atravessam o Loire, que passam a vau

num sitio mais baixo e retiram-se em desordem para uma pequena ilha vizinha de Saint-Aignan.

O ataque, rude e sanguinolento, durou mais de duas horas; Joana antes de conceder o mais pequeno repouso aos seus soldados, ordena que as casernas da bastilha de Saint-Jean-le-Blanc, que eram construidas de madeira, sejam entregues ás chamas, não só com o fim de destruir estas obras de fortificação, mas também para dar sinal á gente de Orleans desta nova vitória.

Depois de alguns momentos de descanso, os combatentes, exaltados pelo triunfo, seguem a guerreira ao ataque do convento dos Agostinhos, optimamente fortificado; era preciso tomá-lo antes de começar o cerco de Tournelles, verdadeira fortaleza levantada á entrada da ponte da cidade.

Joana, graças a essa protecção que os seus amigos chamavam divina, não tinha ainda sido ferida até então, pósto que ella tivesse marchado sempre á frente dos seus; porém, grande numero d'elles tinham caído a seu lado. A pesar desta grande redução nas suas forças, ella deixa atrás de si o reduto incendiado, para assaltar o convento dos Agostinhos, defendido por uma guarnição de mais de dois mil homens, aos quais acabavam de incorporar-se uns mil soldados, destacados da guarnição de Tournelles; com o auxilio deste reforço, os ingleses, em lugar de esperarem o inimigo ao abrigo das fortificações do convento, resolvem-se a tentar um golpe decisivo, a dar batalha campal, contando com a vantagem do numero, apoiados como estavam por uma grande parte das tropas do reduto de Saint-Privé, levantado á direita e a pequena distancia de Tournelles, cuja guarnição também tinha saído dos seus entrancheiramentos a fim de cortar a rectaguarda aos franceses. Joana, que comandava pouco mais de mil e quatrocentos homens, achava-se em frente de mais de três mil homens, e ameaçada no seu flanco direito por um outro corpo consideravel.

A' vista da superioridade numerica do inimigo, avançando numa massa compacta coberta de ferro,



A CRISE DO SINDICALISMO FRANCES

As suas causas e os seus remédios

A que é devida actualmente a crise que devasta o movimento operário internacional e particularmente o sindicalismo francês?

A muitas razões, a desvio que emanam dos reformistas e dos políticos. Em devido tempo, todos estes factos foram apontados, infelizmente, sem qualquer resultado.

Hoje, estamos em pleno «gachis»; é precisamente o momento, como certos o fazem, de imitar o gesto de Póncio-Pilatos; não é preferível encerrar o mal bem de frente, e aplicar imediatamente um remédio energético?

A crise actual do sindicalismo revolucionário tem a sua origem muito longe, data do dia em que a secção das Bólsas de Trabalho foi suprimida em benefício das Federações Nacionais de Ofícios e Indústria na velha C. G. T.

Esta marcha rápida para a centralização, «Os Comitês Nacionais Confederais» matou, paralisando completamente a iniciativa dos sindicatos, das Unões Locais e das Bólsas de Trabalho; as directrizes do movimento, partindo exclusivamente do vértice, deixaram de ser a expressão da base, e eis a primeira manifestação do desvio da obra de Pelloutier.

Por outro lado, o programa mínimo foi de tal forma reduzido que o sindicalismo perdeu o seu valor revolucionário, e deixou de ser o animador capaz de arrastar e de entusiasmar a multidão dos trabalhadores.

Quando o sindicalismo, não revisto, não desviado, lançava apelos à revolta contra o patronato, contra o Estado, contra o militarismo, contra o patriotismo e contra o capitalismo mundial a todos os miseráveis do trabalho, era com fé, com coragem que as minorias activas respondiam pronto ao apelo; hoje, não acontece o mesmo. Os primeiros «desviados» são os autores responsáveis da crise do sindicalismo. Nessa época os anarco-sindicalistas apontaram o perigo. Que se lhes pode censurar hoje?

Depois a crise acentuou-se: evolução para o centralismo, para o colaboracionismo, participação na defesa nacional e, agora, apropriação absoluta pelos partidos políticos e particularmente pelo partido comunista, de todos os organismos sindicais.

Neste ponto, os anarco-sindicalistas levantaram-se particularmente contra a subordinação do movimento económico: foram os primeiros a dar o grito de alarme, mesmo na época dos Comitês Sindicais Revolucionários. Sempre de acordo com o precursor das Bólsas de Trabalho, F. Pelloutier, os anarco-sindicalistas consideram que o sindicalismo nada tem a recar do anarquismo que prossegue fins libertadores, e que não devem ser postos em pé de igualdade com os centralistas do partido bolchevista.

Os anarco-sindicalistas dão toda a sua actividade ao movimento operário, são federalistas, são os guardas ciosos da autonomia do movimento sindicalista, são pela organização dos trabalhadores, e trabalham com todas as suas forças na reconstrução da unidade operária dentro do sindicalismo revolucionário, regenerado, tirando a sua vida e a sua actividade da própria fonte do trabalho. E' para esta tarefa urgente e indispensável, que nós convidamos todos os trabalhadores. Então talvez possamos agir sindicalmente e revolucionariamente contra o capitalismo, contra o fascismo assassino e contra o estado burguês.

J. S. BOUDOUX.

O "desenvolvimento" da instrução em Coimbra

COIMBRA, 18.—Há um camarada nosso que tendo três filhos na idade escolar, resolveu mandá-los para a escola para receberem a conveniente instrução.

Dirigindo-se à Escola Oficial de São Bartolomeu, no sentido de matricular as crianças, e quando julgava, naturalmente, que o seu desejo seria satisfeito, recebe, pelo contrário, a decepção de tornar a trazer os pequenos para casa, pois, segundo o professor-regente, a lotação estava completa e não podia assim, aceitar mais alunos.

Os motivos por que aquele camarada não pôde matricular seus filhos, serão muito aceitáveis, concordamos. Mas, um pai que deseja que seus filhos recebam ao menos a rudimentar instrução que para si se dá, não tem culpa que a população escolar aumente. O Estado é que tem a estrita obrigação de remediar estes inconvenientes, aumentando o número de escolas.

Este camarada, que é operário e, por consequência, do seu trabalho unicamente vive, verificou que uma grande parte das crianças que frequentam aquela escola, são filhas de comerciantes e proprietários, cujos pais bem podiam mandá-las educar em colégios particulares.

Claro, que com isto não queremos defender o critério de que se dê preferência na entrada das escolas oficiais aos filhos dos pobres. Somos, pelo contrário, da opinião que a instrução deve ser dada sem distinção de classes. Mas: o que de maneira alguma pode ser permitido, é que um indivíduo pobre fique impossibilitado de dar educação a seus filhos, estando os filhos dos ricos a estorvar-lhe esse desejo.

Há ainda a atender que a lei obriga todo o cidadão a mandar os seus filhos à escola, estabelecendo até pesadas penalidades para os refractários.

De maneira que num caso idêntico ao que estamos expondo, fica um indivíduo numa situação melindrosa: quer cumprir com a lei e o Estado não lhe facilita os meios para isso, não cumpre e caem-lhe então em cima por desobediência.

Infelizmente que tudo isto é fantasma porque bem sabemos que a lei é letra morta neste assunto. Que o digam as crianças de 10 anos e menos, que arrastam a sua miserável infância por essas fábricas e oficinas, e que são completamente analfabetas! ... e passa-se isto num país onde há 3.000 professores sem colocação, a par com uma percentagem pavorosa de analfabetos! ...

ASSINEM Os mistérios do Povo

AS GREVES

A das Chacineiras de Aldegaleta

Os sindicatos locais aprestam-se para um movimento de solidariedade a favor das grevistas

ALDEGALETA, 17.—A greve das chacinheiras continua imperturbável. Não faltam industriais a pretender induzir as grevistas a retomar o trabalho nas condições pelos mesmos estabelecidas, chegam mesmo a andar de porta em porta colhendo assinaturas de grevistas para aquele efeito. Como elas nada assinam, preenchem eles mesmo as listas com nomes, tendo o cuidado de colocar à cabeça as mais conhecidas como rebeldes para que as restantes se convençam e caiam no vulgaríssimo «vigário».

Mas este desejo de fácil captação sai-lhes frustrado, porque no dia seguinte as grevistas continuam a ficar em suas casas, tendo sempre em riste as armas de São Francisco.

Algumas têm retomado o trabalho, mas naquelas fábricas, cujos industriais aceitam a proposta das grevistas.

Embora de vagar o número destes industriais vai crescendo, à maneira que vão reconhecendo estarem a ser vítimas dum jogo malabar dos maiores potentados.

Por indicação do delegado da C. G. T. que veio a Aldegaleta por motivo desta greve, a Associação dos Trabalhadores Rurais convidou as direcções dos restantes sindicatos locais a uma reunião magna, que se efectuou ontem, tendo comparecido as direcções dos Rurais, Corticeiros, Construção Civil, Descarregadores de Mar e Terra e a Comissão Central, que também representava a direcção da Associação das Chacinheiras.

Aberta a sessão pelo camarada Francisco Simões Júnior, dos Rurais, foi exposto pelo delegado da C. G. T. o fim e os objectivos da reunião, que era saber-se se as restantes classes operárias de Aldegaleta estavam ou não dispostas a prestar às chacinheiras a solidariedade devida neste momento em que as mesmas estão submetidas, à prova para uma redução nos seus já míseros salários, facto que se repetirão com as restantes classes no caso dum aliás improvável derrota das grevistas.

Todos as direcções, pelos seus representantes, declaram reconhecer a máxima necessidade em prestar a solidariedade requerida, à excepção talvez de parte dos descarregadores que são simultaneamente matores de porcos e que não só têm prestado solidariedade, como nessa qualidade, lhe cumpria, às suas companheiras em luta, mas até se prestavam a fazer aquele trabalho por preços inferiores ao que estava estabelecido na tabela anterior em seu próprio prejuízo e no das grevistas.

Sobre este particular ficou assente que a direcção dos Descarregadores convocaria a classe a uma assembleia especial, na qual tomaria parte o delegado da C. G. T. para na mesma ser tratada aquela questão.

Quanto à solidariedade, dum modo geral, foi aprovado o seguinte documento:

«As direcções dos sindicatos de trabalhadores Rurais, Corticeiros, Construção Civil, Descarregadores de Mar e Terra reunidos em sessão magna com a Comissão Central do movimento das operárias Chacinheiras e delegado da C. G. T. para apreciar a greve destas camaradas, resolvem prestar às grevistas toda a sua solidariedade de moral e material e como início dessa acção resolveu nomear uma comissão especial encarregada de levar a efeito uma sessão pública para a qual será convidada toda a classe operária, resolvendo ainda que cada direcção convoque as respectivas classes para em assembleias especiais tratem a questão devidamente, a fim de que essa solidariedade seja rápida e efectiva. Francisco Simões Júnior, pelos Rurais; José Duarte Correia, pelos Corticeiros; António Maria Soares, pela Construção Civil; Hiliodoro Dias, pelos Descarregadores de Mar e Terra e Constancia Mendes Bastos, pelas Chacinheiras».

Por último foi resolvido que a Comissão de que trata aquele documento ficasse composta dos signatários, encerrando-se em seguida a sessão.

ALDEGALETA, 18.—As grevistas reuniram no domingo à noite, esperanças que os industriais lhes enviassem uma resposta ao último ofício que da Associação lhe foi enviado e como não recebessem só poderam apreciar comunicações extra-oficiais, informações essas que diziam ter os industriais reunido e tomado a resolução de manter a sua primitiva resolução de abater 25 p. c., nos salários.

As grevistas manifestaram-se com um apreciável espírito de revolta contra a atitude dos industriais. Uma propanham que como resposta àquela atitude dos industriais, no caso de se confirmar oficialmente, se lhe apresentasse a reclamação de 1320 por hora; outras que se reclamasse a 1900 de antes da greve.

Postas à votação as duas propostas foi aprovado, apenas uma por maioria de 12 votos, reclamando o antigo salário.

Hoje, realiza-se um comício público, promovido por todas as associações operárias locais, para o qual se distribuiu o seguinte convite ao operariado:

«Camaradas: Estamos em luta as nossas camaradas chacinheiras contra os seus industriais por estes teimarem em reduzir os seus já miseráveis salários em 25 por cento. Aquelas nossas camaradas, no intuito de evitar conflitos acedem em os seus salários baixarem 10 por cento. Mas a maioria dos industriais persistem em querer os 25 p. c., eles que, enquanto abatiam os salários aumentavam o preço das miudezas que vendem ao público numa média de cerca de 60 por cento.

Sabéis o que isto significa? Significa que o seu desejo é: reduzir a fome aqueles que trabalham. Hoje são os chacinheiros contra as mulheres por as considerarem mais fracas. Mas, se os homens das outras classes trabalhadoras se calarem e nada fizerem, serão por sua vez vítimas dos seus patrões que não lhes perdoarão a fraqueza e aproveitarão para as esburegarem, por sua vez, nos parcos salários que têm auferido.

Nestas condições as direcções das Associações de Classe de Aldegaleta resolveram em reunião magna, promover um comício para se ocupar desta grave questão, que se realizará na Associação dos Trabalhadores Rurais, na terça-feira, 20 de

PROPAGANDA SINDICAL

Os rurais de Vale de Vargo resolvem expurgar a sua Associação da política daninha

VALE DE VARGO, 17.—Na Associação dos Trabalhadores Rurais desta localidade, realizou-se no passado dia 11 uma sessão de propaganda sindical, com enorme concorrência. Sob a presidência do camarada Francisco José Carrasco, tendo a secretária Jerónimo dos Reis Toichino, a sessão abriu às 20 horas, falando em primeiro lugar o camarada Francisco Manuel Vicente, que, apreciando dum modo geral o estado em que se encontra a organização operária e o perigo que corre todas as regalias conquistadas, exortando todos os trabalhadores a ingressarem nos seus sindicatos a fim de se defenderem contra os maneios da burguesia.

Jerónimo Toichino, elemento comunista, em propaganda desfavorável ao sindicalismo, considera-o em falência e impotente de ir mais além, dando-se a comparar a organização operária com um regimento de tropa supõe-há a marcar passo por falta de um bom capitão.

Rebatendo a falsa doutrina de Toichino, José Bento Guerreiro repudia a acção nefasta dos políticos comunistas a quem atribui a decadência do sindicato. João de Sousa afirma que só à permanência dos comunistas no Sindicato com o seu balfo paleio, se deve o ter-se ele conservado afastado da organização; na mesma ordem de ideias se manifesta António Ignácio e outros camaradas da assembleia.

Jerónimo Toichino, persiste nos seus objectivos políticos, afirmando que os trabalhadores nos sindicatos só poderão conseguir levantar o seu moral, e mais nada.

Francisco Manuel Vicente faz uma larga descrição dos objectivos sindicais, destacando o lado de aperfeiçoamento moral, material e técnico dos trabalhadores, afirmando que só unidos nos sindicatos os operários têm conseguido regalias, regalias que serão perdidas quando se passar a confiar no poder das leis dos políticos.

António Barradas é de opinião que se nomeie nova direcção, visto a que tem presidido aos destinos do Sindicato ser composta de políticos-comunistas, o que é contra a letra dos estatutos.

Por proposta de F. Manuel Vicente é nomeada por aclamação a nova direcção que fica assim constituída: presidente, Bento da Palma Aurélio; secretário, Francisco Manuel Vicente; tesoureiro, Manuel Seita; 1.º vogal, António Barradas; 2.º vogal, Manuel Godinho.

Após o que foi encerrada a sessão. Com esta nova direcção, composta por elementos sindicalistas revolucionários, é de esperar que o Sindicato dos Rurais de Vale de Vargo, progreda num sentido mais enérgico para todos os trabalhadores.

Na Construção Civil do Alto do Pina

Promovida pela Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina, realizou-se amanhã, pelas 20 horas, na Secção da Construção Civil do Alto do Pina, rua Barão de Sabrosa, 81, 1.ª, uma sessão de propaganda onde será tratada a actual crise de trabalho, baixa de salários e horário de trabalho.

Nesta sessão falarão delegados da C. G. T., Câmara Sindical de Trabalho de Lisboa, Sindicatos da Construção Civil, Metalúrgico e Núcleo Juventude Sindicalista de Lisboa.

Um justo apelo à solidariedade operária

Ha dias publicamos em apelo à solidariedade operária em favor do camarada José Maria Robalo, um dos mais dedicados correspondentes de A Batalha, que há muito tempo se encontra a braços com uma peritina e perigosa doença.

Por todos os títulos é digno de auxilio este nosso camarada.

Na Nazaré, foi ele quem, quasi isolado, arcou com a má vontade dos potentados dali, defendendo os pontos de vista da organização operária. Em nós lhe confia; e só nós, cumprindo um dever, o devemos auxiliar, para que não pereça aos seus sofrimentos.

Está aberta a subscrição pela Batalha; aguardamos o pronunciamento de todos os que leiam este apelo.

Importâncias recebidas: Joaquim Marques, 5000; S. A., 5000; Manuel Figueiredo, 5000; Joaquim Madeira, 1500. A transportar 16500.

corrente, às 20 horas, para o que nomearam a comissão sinatária.

Esta Comissão, convida, pois, os operários de todas as classes a comparecer a esse comício.

Que nenhum trabalhador falte! Viva a solidariedade operária! Abaixo a redução de salários».

Quadro tipográfico de "A Epoca"

Mantém-se o conflito entre o quadro tipográfico de A Epoca e o seu respectivo chefe. Na sua reunião de ontem o pessoal deliberou continuar no mesmo propósito, tendo nomeado uma comissão de vigilância, verificando a não publicação do jornal ontem e ter saído no domingo com duas páginas.

A assembleia geral dos Compositores Tipográficos occupou-se do conflito, resolvendo dar todo o seu apoio moral e material aos grevistas, mantendo-se a direcção em sessão permanente.

A Associação de classe dos Vendedores de jornais, oficiou ontem ao Sindicato dos Compositores comunicando-lhe que na sua reunião de domingo fora resolvido prestar toda a solidariedade aos grevistas em luta, a qual se for necessário irá até à greve naquele jornal.

A Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal e Similares previne todos os tipógrafos de Lisboa e especialmente da província, que não devem aceitar qualquer convite para vir trabalhar para o jornal A Epoca, sem que o sindicato dos Compositores o determine.

NA VOZ DO OPERÁRIO

Resoluções importantes — O ministro do Trabalho aconselha ponderação aos dirigentes da Sociedade

Realizou-se na passada quinta-feira mais uma assembleia geral desta colectividade, para discussão das contas dos últimos anos e relatórios da gerência finda. Lidas e aprovadas as duas últimas actas, o presidente declarou, com surpresa dum parte da assembleia, que fora convidado pelo ministro do Trabalho a comparecer no seu gabinete, a fim de tratar da forma irregular como a Sociedade tem vivido nos últimos anos. Uma vez ali, o presidente, que se fez acompanhar pelos srs. Cassão, director do órgão da Sociedade, e Militão Ferreira, da comissão administrativa, foi aconselhado a procurar solucionar o «gachis» em que a Sociedade está metida, dando-se um maior alargamento de direitos aos sócios auxiliares, saindo-se por tal motivo do critério defendido e mantido pelos indivíduos que têm estado à frente da Sociedade em detrimento da sua enorme população associativa.

O presidente declara que prometeu, juntamente com os outros dois comissionados, elaborar um trabalho conforme os desejos do ministro, trabalho esse que, depois de ser presente ao critério de s. ex., que por sua vez consultaria os sócios auxiliares, será submetido ao «verdictum» da respectiva assembleia.

Francisco Reis requer inserção especial para apreciação destas declarações. E' aprovado, tendo-se primeiramente votado as contas atizadas de cinco anos a fim de não criar mais dificuldades à vida da Sociedade, adiando-se apenas a discussão das propostas que acompanhavam o último relatório.

Iniciada a discussão, Cassão declara o que se passou com o ministro do Trabalho, jurando pelos seus cabelos brancos e como homem de bem, que se presa de ser, de que imediatamente irá dar satisfação à aspiração dos sócios auxiliares, assumindo com honra o compromisso tomado. O presidente faz idénticas afirmações, invocando também os seus cabelos brancos e declarando que, juntamente com a comissão administrativa, irá imediatamente encetar os referidos trabalhos.

Francisco dos Reis diz que as deslizes porque tem passado há vinte anos lhes dão uma quasi certeza de que nada se fará de pratico; ataca a proposta da passagem de sócios auxiliares a efectivos que a mesa tem em discussão, e mais uma vez afirma que, sendo uma autentica burla, tem o direito de não acreditar na solução do caso em discussão, embora não duvide dos juramentos dos oradores precedentes; mas como conhece os bastidores da «Voz», espera que não faltarão cascas de laranja a fazer sossohar qualquer resolução que se queira tomar. Aprecia o facto da C. A. cessante querer fazer sócios efectivos o sr. Ramada Curto com cinco meses de sócio, quando é preciso ter dois anos nas fábricas de tabaco para o poder ser, e o sr. Alvaro Andrea, que, sendo sócio há quasi um ano, nunca pagou uma única cota à Sociedade.

Depois de várias considerações, o orador mandou para a mesa uma moção tendente a ser nomeada uma comissão de sócios efectivos e auxiliares, que estudando a solução do assunto traga à assembleia, no prazo de quinze dias, um relatório desenvolvido sobre a forma viável da Sociedade entrar numa nova época de direitos sociais».

O presidente tenta convencer a assembleia da desnecessidade desta comissão mas a mesma é admitida com um aditamento de Amantino do Nascimento.

Júlio Silva diz que, afastado da «Voz» há anos por ver que muita imoralidade campeava, fora informado de que o seu nome se encontrava numa lista para sócio efectivo. Não aceita semelhante distinção porque, lutando há vinte anos por um alargamento de direitos aos sócios, a sua consciência lhe diz que seria uma incoerência se o fizesse, ficando os seus amigos de luta de fora; diz que, como socialista que se presa de ser, a sua consciência lhe diz que a «Voz» deve de fazer um alargamento de direitos aos sócios, muito embora o voto não seja completamente livre. Assim, parece-lhe que a gradual passagem de sócios, com determinados anos de inscritos, a efectivos, seria a forma viável de se acabar com esta questão que já devia ter acabado há muito, se tivesse havido um bocado de senso.

Amantino do Nascimento, José de Almeida e Luís Rozendo fazem também algumas considerações sobre o assunto, e tendo sido aprovado a prorrogação dos trabalhos, foi posta à votação e aprovada a moção e aditamento, sendo em seguida aprovado que a comissão ficasse constituída por Militão Ferreira, Cassão Pereira Coelho, e dos auxiliares Luís Rozendo e Amantino do Nascimento.

Como nota curiosa devemos dizer que el-rei D. Xamuel também aprovou, o que demonstra que tem feito progressos...

O final da sessão foi occupado com a discussão da «pared» dos alunos das aulas nocturnas, ficando o caso solucionado. O presidente encorrou a sessão marcando a próxima para muito breve, a fim-de se discutir o trabalho da comissão nesta assembleia nomeada, eram 40 minutos da manhã.

Secção Telegráfica Federações

CALÇADO, COUROES E PELES

Evora. — Manufactores de Calçado. — Seguiu expediente.

Portimão. — Joaquim Valongo. — Mandame o pedido que te fiz em Santarém.

SOLIDARIEDADE

Pró-António Viegas Lopes

Promovida por uma comissão de amigos realiza-se no próximo domingo uma festa em homenagem ao operário António Viegas Lopes que se encontra impossibilitado de trabalhar.

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne amanhã, pelas 21 horas, para se occupar de vários assuntos.

Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Comissão instaladora

Reúne hoje pelas 21 horas, devendo comparecer a esta reunião, a direcção dos Condutores de Carroças.

COMUNICAÇÕES

Empregados Barbeiros.—Reúniu esta classe, sendo examinado o estado em que ela se encontra. Foi resolvido fazer um intento e profícuo movimento para que a classe patronal cumpra o que foi aprovado em 5 de outubro de 1924, e que estabeleceu o ordenado mínimo de 20 escudos diários, o cumprimento da lei das 8 horas de trabalho e sindicalização obrigatória.

A Comissão Administrativa vai avistar-se com o ministro do Trabalho e Governador Civil, para que, façam cumprir rigorosamente o horário de trabalho e estabelecer uma brigada ambulante de policia para a sua vigilância.

Fôram entabuladas demarches, junto do Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa e a Comissão Executiva da Câmara Municipal para que não seja permitida alteração alguma no descanso de domingo, como certa parte da classe patronal deseja.

Esta classe officiou à União dos Lojistas Barbeiros, respondendo a um offício de 15 do corrente, a onde também apresenta a necessidade de em conjunto estudarem a forma da abolição da lei 1368 referente ao imposto sobre empregados.

Compositores Tipográficos.—Reúniu no domingo em assembleia geral para apreciação do relatório sobre greve gerais e anomalias inerentes, tendo usado da palavra vários associados que combateram o documento apresentado pela comissão.

Devido ao adiamento da hora ficaram com a palavra reservada diversos oradores, prosseguindo a sua discussão no próximo domingo pelas 14,30 horas.

Carpinteiros Navais de Lisboa.—O secretário deste sindicato comunica por este meio a todos os componentes que contribuíram quando do último movimento na Parceria dos Vapores Lisboenses que se acham patentes na sede deste sindicato os mapas referentes aos subsídios pagos e recebidos, continuando patentes até ao fim do corrente mês.

Qualquer reclamação ou erro que lhes encontrem devem dirigir-se ao mesmo secretário.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Mobiliária.—Comissão Administrativa — A's 17,30 horas, para assuntos urgentes.

Federação do Livro e do Jornal e Similares.—Pelas 19 horas, o Secretariado para se occupar de diversos assuntos.

Maquinistas Fluviais.—Para continuação de trabalhos a assembleia geral às 20 horas.

Federação Metalúrgica.—O Conselho Federal às 20 horas.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Manufactores de Calçado de Lisboa

Reúniu ontem a Comissão nomeada pela última assembleia, para prosseguir nos seus trabalhos relativos à crise de trabalho, e à pretensão de alguns industriais de reduzir os salários. Apreciei um manifesto que ainda esta semana deve ser distribuído à classe, convocando-a a reunir em assembleia magna no próximo sábado, devendo a comissão reunir novamente amanhã para prosseguimento dos trabalhos, sendo conveniente que a esta reunião compareçam delegados de oficinas, para proceder a um trabalho de absoluta urgência.

No Sindicato Mobiliário de Lisboa

Prosegue intensamente a campanha contra a pretendida baixa de salários, contando a comissão de resistência, interessar toda a classe no enfrentamento da grave situação que se atravessa. Amanhã às 21 horas, realiza-se a segunda sessão magna, sendo de esperar que, dada a sua natureza, seja de esperanças, tanto mais que importantes resoluções hão de ser tomadas.

Hoje reúne, pelas 20 horas, a fim-de preparar trabalho que serão presentes à assembleia magna, a comissão de resistência.

Renovação
Revista Grafica
A 1 e 15 de cada mês
Preço rec. 1,50

S. U. Metalúrgico.—Secção de Belém. —A Comissão Administrativa às 20 horas. **Corticeiros de Belém.**—Em assembleia geral às 17 horas, para apreciar a baixa de salários.

Manipuladores de Calçado.—Comissão Pró-Labor Proletário, pelas 21 horas. **S. U. C. C.**—Secção dos Pedreiros. —Pelas 20 horas, em assembleia geral, para tratar da crise de trabalho. Devem comparecer todos os pedreiros da obra Gama Pinto.

Operários Alfaiates.—Em assembleia geral, pelas 20 horas, com a ordem de trabalhos dada para a reunião anterior. Na próxima quinta-feira, reúne a Comissão Organizadora do 1.º Congresso da Indústria do Vestuário com a presença do delegado da C. G. T. Pede-se aos organismos da provincia que respondam aos offícios que lhes foram enviados.

Operários Municipais.—Pelas 20,30 horas, a comissão de melhoramentos. —Para um assunto urgente a comissão da Caixa de Solidariedade às 21 horas.

Sindicato do Pessoal de Cámaras.—Em assembleia geral pelas 19 horas com o seguinte ordem de trabalhos: Apresentação e apreciação do relatório do delegado ao Congresso Confederal e Conferência Marítima; apreciação dum referendun emanado do Conselho Inter-Sindical das Classes Marítimas discordantes da atitude da F. M. e outros assuntos.

S. U. C. Civil.—Secção dos Canteiros e Polidores de Mármore. —Para um assunto urgente às 21 horas.

Secção do Alto do Pina.—Pelas 20 horas, em conjunto as comissões administrativas da construção civil, metalúrgica, de melhoramentos pré-sede e mixta de propaganda sindical do Alto do Pina para resolver em definitivo sobre os melhoramentos da sede.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

U. S. O. de Evora.—Reúniu o conselho central com a representação dos seguintes sindicatos: Mixto, Construção Civil, Metalúrgico, Manufactores de Calçado e Rurais de Evora e da Graça do Divor. Apreciei um alvitre dos jovens sindicalistas para a abertura e funcionamento da escola Francisco Ferrer, resolvendo aceitá-lo. De harmonia com essa resolução a escola referida começou a funcionar no dia 15 do corrente, conservando-se a inscrição aberta até ao dia 1 de Novembro. Por último nomeou delegados ao conselho confederal da C. G. T. Artur Aleixo e Alfredo Lopes.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Federação—Conselho Federal.—Em virtude de se terem comparecido os delegados dos Núcleos de Lisboa, Porto, Seixal, Setúbal e Graça do Divor e justificado a sua falta os delegados de Silves e Vila Real de Santo António, ficou adiada a reunião deste conselho para a próxima segunda-feira.

Pedimos aos núcleos ainda não representados para enviarem com urgência as credenciais para os seus delegados.

Núcleo de Lisboa—Secretariado Central.—Reúne hoje, pelas 20 horas, tomando posse os camaradas eleitos na última sessão da assembleia geral para os cargos vagos.

Assembleia geral.—Reúne depois de amanhã, pelas 20,30 horas, para prosseguimento dos trabalhos.

Secção Metalúrgica.—Reúne na próxima sexta-feira a comissão executiva pelas 21 horas com o cobrador.

Funcionalismo público

A Comissão dos Empregados Menores do Estado ultimamente nomeada para conseguir do governo a extensão de todos os indivíduos seus equiparados do aumento recentemente concedido aos funcionários locais, voltou a reunir para apreciar as demarches já efectuadas junto do titular da pasta das finanças e assentar o caminho a seguir. Como a resposta obtida daquele titular não fôsse de molde a satisfazer os comissionados, que se julgam com direito a tratamento igual em conformidade com o que a lei determina e com a categoria que lhe atribuem, resolveram efectuar amanhã quarta-feira, pelas 20 horas a sessão magna já há dias adiada.

A Comissão aguarda o resultado das reuniões já efectuadas no Porto e Coimbra, para depois tratar junto da presidência do ministério do assunto em referência, visto se não conformarem que ele tivesse sido resolvido pela antiga comissão central de Equiparações, comissão que de maneira alguma poderia modificar o critério legalista já anteriormente estabelecido.

—Nos Liceus da capital já foi pago aos continuos parte da diferença a que têm direito pelo aumento concedido, diferença que atinge perto de mil escudos.

INSTRUÇÃO